



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-graduação em Psicologia

REJANE DE FARIAS

**DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DE ADOLESCENTES  
EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL.**

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré

Florianópolis, SC  
2016



REJANE DE FARIAS

**DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DE ADOLESCENTES  
EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL.**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Doutora em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen L. O. O. Moré

FLORIANÓPOLIS, SC  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Farias, Rejane de

Desenvolvimento psicossocial de adolescentes em  
contexto de vulnerabilidade social / Rejane de Farias ;  
orientadora, Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré -  
Florianópolis, SC, 2016.

108 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Adolescente. 3. Desenvolvimento  
Humano. 4. Rede Social. 5. Vulnerabilidade Social. I.  
Leontina Ojeda Ocampo Moré, Carmen. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia. III. Título.

**Rejane de Farias**  
**Desenvolvimento Psicossocial de Adolescentes em Contexto de**  
**Vulnerabilidade Social.**

Tese aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré  
(Coordenadora PPGP-UFSC)

Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré  
(Orientadora PPGP-UFSC)

Dra. Dorian Mônica Arpini  
(Examinadora PPGP-UFSC)

Dra. Kátia Maheirie  
(Examinadora PPGP-UFSC)

Dra. Maria Aparecida Crepaldi  
(Examinadora PPGP-UFSC)

Dra. Marina Menezes  
(Examinadora MPSGT/UNISUL)

Dra. Daniela Ribeiro Schneider  
(Examinadora PPGP UFSC)

Dra. Cibele Cunha Lima da Motta  
(Examinadora PPGP UFSC)



À minha querida filha Emanuely, que mostrou que alguns sonhos podem se realizar da maneira como foram concebidos.





## AGRADECIMENTOS

À Deus e à espiritualidade, por toda a inspiração que mantém vivos os ideais despertados na minha própria adolescência;

À minha orientadora Carmen Moré, pelo apoio próximo, sensível e competente em todas as etapas, mas especialmente nos momentos em que as dúvidas ameaçaram a continuidade desse trabalho;

Aos meus pais Vilmo e Eliana, pelo apoio incondicional sem o qual essa realização não teria sido possível e por me ensinar o valor da dedicação aos estudos, ao trabalho e à família;

Ao meu esposo Anselmo, por me proporcionar a experiência do amor que incentiva o crescimento e a realização;

Aos meus filhos, Dimitri e Emanuely, que enchem a minha vida de amor e significado;

À Maria Aparecida Kempner, pelo apoio otimista em horas oportunas;

À Marilena Silveira e Jadete Gonçalves, por me proporcionarem os fundamentos que ainda iluminam minha proposta de vida;

A Scheila Krenkel, Girlane Peres, Márcia Schneider e Camilla Mendes pelas contribuições valiosas ao desenvolvimento desse trabalho;

Aos colegas da Assistência Social, pelos anos de convivência e trocas que me enriqueceram pessoal e profissionalmente;

Aos profissionais que auxiliaram na realização desse estudo e aos que fizeram parte dele, meu reconhecimento e admiração por suas capacidades de resistirem às adversidades e de sustentar a fé no desenvolvimento do ser humano;

Aos adolescentes que fizeram parte desse estudo, minha gratidão por compartilharem comigo suas histórias, experiências, dores, alegrias e sonhos.



*“Mas, nesta aventura do sonho exposto à correnteza,  
só recolho o gosto infinito das respostas que não se encontram”.*

*Cecília Meireles*



Rejane de Farias. **Desenvolvimento Psicossocial de Adolescentes em Contexto de Vulnerabilidade Social.** Florianópolis, 2015. Tese de doutorado em Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré. Data da defesa: 08/07/2016.

## RESUMO

A adolescência em contexto de vulnerabilidade social é uma temática complexa, cuja compreensão dentro de um paradigma contemporâneo de desenvolvimento demanda a articulação de conhecimentos que evidenciam a interdependência entre múltiplos fatores que compõe esse processo. Tendo presente que o desenvolvimento acontece num contexto familiar e comunitário, e que por sua vez inscreve-se numa conjuntura social mais ampla, na qual estão presentes políticas públicas e instituições, ressalta-se a necessidade de um olhar abrangente sobre a temática. O objetivo deste estudo qualitativo, descritivo e exploratório foi compreender o processo de desenvolvimento psicossocial e a inserção comunitária, na perspectiva de adolescentes e profissionais em contexto de vulnerabilidade social. Participaram 16 adolescentes, sendo oito mulheres e oito homens, com idade média entre 13 anos e 11,5 anos de residência na comunidade. Integraram também este estudo as/os seis profissionais mais mencionados pelas/pelos adolescentes em suas redes pessoais significativas, sendo quatro professores, uma coordenadora e uma assistente social. Os instrumentos utilizados foram a entrevista semiestruturada, o mapa de redes e o gráfico de instituições da comunidade presentes na região. O processo de integração e organização do conjunto de dados teve como base a utilização do software Atlas/ti 5.0, o qual tem como referência a análise dos dados a partir da Teoria Fundamentada nos Dados. Emergiram três grandes dimensões de análises, com suas respectivas categorias, subcategorias e elementos de análises. Em termos de sistematização para a apresentação e discussão dos resultados, o estudo foi dividido em três artigos. Os resultados indicaram tensionamentos entre os projetos de vida das/dos adolescentes e o contexto de vulnerabilidade social, permeado pelas experiências de contato ou de resistência ao tráfico de drogas, visto como fonte de sedução e riscos. Vínculos significativos com familiares e profissionais, assim como a oferta de atividades lúdicas, culturais e desportivas pelas instituições contribuíram para o enfrentamento da condição de vulnerabilidade. Os profissionais exerceram uma função de

apoio ao desenvolvimento quando mostraram a capacidade de acolher necessidades emocionais, psicológicas e até materiais das/dos adolescentes. Houve um predomínio de profissionais da educação e da assistência social nas redes pessoais significativas das/dos participantes, com inexpressiva menção aos profissionais da saúde ou de instituições religiosas. Na visão dos profissionais, os adolescentes costumam ter capacidade de enfrentamento diante das adversidades do contexto, mas têm dificuldades em conciliar estudos e trabalho, que frequentemente é o foco dos projetos de vida. A violência se manifesta nas relações com o tráfico de drogas e nas inúmeras carências não atendidas pela família e pelo poder público. A capacidade de diálogo dos profissionais foi considerada uma característica nuclear para trabalhar nesse contexto, o qual ao mesmo tempo gera satisfação profissional e danos à saúde física e mental. As relações desses profissionais com os adolescentes configuraram-se como fatores de proteção ao desenvolvimento. A partir disso, destaca-se a relevância da compreensão das funções dos vínculos e da identificação de recursos e potenciais comunitários como embasamento para intervenções profissionais que favorecem o desenvolvimento dessa população. Isso remete também à importância de assegurar formações e espaços de diálogo aos profissionais que atuam nesses contextos, favorecendo a superação de um olhar que reduza essas/esses adolescentes às condições de vulnerabilidades por elas/eles enfrentadas, promovendo articulações institucionais mais efetivas no enfrentamento das condições de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Adolescente; Desenvolvimento Humano; Redes Pessoais Significativas; Rede Social; Vulnerabilidade Social.

## ABSTRACT

Adolescence in a context of social vulnerability is a complex issue, the understanding of which, within a contemporary paradigm of development, demands the articulation of knowledge that underscores the interdependence between the multiple factors that constitute this process. Bearing in mind that the development takes place in a family and community context, which, in turn, is part of a broader social context in which public policies and institutions are present, we emphasize the need for a comprehensive look on the subject. Thus, the objective of this qualitative, descriptive and exploratory study was to understand the psychosocial development process and community inclusion in the perspective of adolescents and professionals in the context of social vulnerability. Sixteen teenagers, eight women and eight men, participated, with an average age of 13 and 11.5 years of residence in the community. Six professionals the adolescents most mentioned in their significant personal networks, namely four teachers, one coordinator and a social worker also integrated this study. The instruments used were a semi-structured interview, the network map and the chart of community institutions in the region. The integration and organization process of the data set was based on the use of the Atlas-ti 5.0 software, which uses data analysis from the Grounded Theory. Emerged three dimensions of analysis, with their respective categories, subcategories and analysis elements. In terms of systematization for the presentation and discussion of the results, the study was divided into three articles. The results indicated tensions between the adolescents' life projects and their social vulnerability context, permeated by experiences of contact or resistance against drug trafficking, seen as a source of seductions and risks. Significant links with family and professionals, as well as the provision of recreational, cultural and sports activities by the institutions contributed to face the vulnerability condition. The professionals played a supporting role in the development when they showed the ability to accept the adolescents' emotional, psychological and even material needs. There was a predominance of education and social assistance professionals in the participants' significant personal networks, with little mention to health professionals or religious institutions. In the view of the professionals, teenagers usually have the abilities to face the adversities, but has difficulty in reconciling study and work, which is often the focus of life projects, but find it difficult to reconcile study and work, which is often

the focus of life projects. Violence manifests itself in the relations with drug trafficking and the many needs unmet by family and government. The dialogue capacity of the professionals was considered a core feature to work in this context, which creates professional satisfaction on the one hand, but damage to physical and mental health on the other. The relationship between those professionals and the teenagers are configured as protective factors for development. From this, we highlight the importance of understanding the functions of the links and the identification of community resources and potential as a basis for professional interventions that seek to promote the development of this population. This also refers to the importance of ensuring training and dialogue spaces that work for the professionals inserted in these contexts, favoring the overcoming of a look that reduces those adolescents to the conditions of vulnerability they face, and promoting more effective institutional articulations to confront conditions of social vulnerability.

**Keywords:** Adolescents; Human Development; Significant Personal Networks; Social Network; Social Vulnerability.



## RESUMEN

El desenvolvimiento de la adolescencia en el contextos de vulnerabilidad social es un tema complejo, cuya comprensión dentro de un paradigma contemporáneo de desarrollo exige la articulación de conocimientos que evidencian la interdependencia de los múltiples factores que componen este proceso. Teniendo en cuenta que el desarrollo se lleva a cabo en un contexto familiar y comunitario, que, a su vez, forma parte de una coyuntura social más amplia en el que están presentes tanto las políticas públicas, como sus instituciones, se hace hincapié en la necesidad de una mirada abarcadora sobre la temática. Por lo tanto, el objetivo de este estudio cualitativo, descriptivo y exploratorio fue comprender el proceso de desarrollo psicosocial y inclusión en la comunidad, en la perspectiva de los adolescentes y los profesionales de un contexto de vulnerabilidad social. Participaron 16 adolescentes, ocho mujeres y ocho hombres, con una edad media de 13 años y 11,5 años de residencia en la comunidad. También integran este estudio las/os seis profesionales más mencionadas/os por las/os adolescentes en sus redes personales significativas, siendo cuatro maestros, una coordinadora y una asistente social. Los instrumentos utilizados fueron la entrevista semiestructurada, el mapa de la red y la tabla de las instituciones comunitarias en la región. La organización del proceso de integración del conjunto de datos, tubo como base la utilización del software Atlas-ti 5.0, que tiene como referencia para el análisis de los datos la Teoría Fundamentada. A partir del mismo emergieron três grandes dimensiones, con sus respectivas categorías, subcategorías y elementos de análisis. En términos de sistematización para la presentación y discusión de los resultados, el estudio se divide en tres artículos. Los resultados indicaron tensiones entre los proyectos de vida de las/os adolescentes y el contexto de vulnerabilidad social, permeado por las experiencias de contacto o resistencia al tráfico de drogas, visto como una fuente de seducciones y riesgos. Vínculos significativos con la familia y el trabajo, así como la realización de actividades recreativas, culturales y deportivas por las instituciones contribuyeron para hacer frente a la situación de vulnerabilidad. Los profesionales jugaron un papel de apoyo al desarrollo psicosocial cuando mostraron la capacidad de aceptar las necesidades emocionales, psicológicas e incluso materiales de las/os adolescentes. Hubo un predominio de profesionales de la educación y la asistencia social en las redes personales significativas de las/os participantes, con mención

inexpresiva de los profesionales de la salud o instituciones religiosas. A la vista de los profesionales, los adolescentes suelen tener capacidad de enfrentamiento de las situaciones adversas del contexto, pero tienen dificultad en conciliar estudios y trabajo, que suele ser el foco de proyectos de vida. La violencia se manifiesta en las relaciones con el tráfico de drogas y las muchas necesidades no satisfechas por la familia y el poder público. La capacidad de diálogo de los profesionales fue considerada una característica nuclear para trabajar en este contexto, que también genera, por un lado satisfacción profesional, mas por otro, daños para la salud física y mental. Las relaciones de estos profesionales con los adolescentes se configuraron como factores de protección para el desarrollo. De esto, se subraya la importancia de la comprensión de las funciones de los vínculos y la identificación de los recursos y el potencial de la comunidad como base para las intervenciones profesionales que buscan promover el desarrollo de esta población. Esto también remite a la importancia de garantizar la formación y espacios de diálogo a las/os profesionales que trabajan en estos contextos, favoreciendo la superación de una mirada que reduce esas/es adolescentes a las condiciones de vulnerabilidad que ellas/os enfrentan, y la promoción de articulaciones institucionales más eficaces para hacer frente a las condiciones de vulnerabilidad social.

Palabras-clave: Adolescente; Desarrollo Humano; Redes Personales Significativas; Redes Sociales; Vulnerabilidad Social.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Caracterização das/dos adolescentes no contexto comunitário por gênero.....	61
Quadro 2	Principais responsáveis pelas/pelos adolescentes na residência .....	62
Quadro 3	Situação relacional familiar das/dos adolescentes .....	63
Quadro 4	Situação de convívio (residência) das/dos adolescentes com relação a outros membros da família .....	63
Quadro 5	Membros da família das/dos adolescentes com renda .....	64
Quadro 6	Vínculos institucionais das/dos adolescentes .....	65
Quadro 7	Primeira dimensão, categorias, subcategorias e elementos de análise.....	68
Quadro 8	Segunda dimensão, categorias, subcategorias e elementos de análise.....	70
Quadro 9	Terceira dimensão, categorias, subcategorias e elementos de análise.....	73



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Modelo de mapa de redes .....	53
Figura 2	Dimensões e categorias de análise .....	67



## SUMÁRIO

	<b>Apresentação .....</b>	<b>25</b>
<b>1.</b>	<b>Introdução.....</b>	<b>27</b>
<b>2.</b>	<b>Objetivos .....</b>	<b>41</b>
	2.1. Objetivo geral .....	41
	2.2. Objetivos específicos .....	41
<b>3.</b>	<b>Método .....</b>	<b>43</b>
	3.1. Desenho da pesquisa .....	43
	3.2. Contexto e inserção no campo .....	44
	3.3. Participantes .....	49
	3.4. Instrumentos .....	51
	3.5. Coleta de dados .....	54
	3.6. Análise dos dados .....	57
	3.7. Considerações éticas .....	59
<b>4.</b>	<b>Resultados .....</b>	<b>61</b>
	4.1. Caracterização dos participantes.....	61
	4.2. Apresentação das categorias, subcategorias e elementos de análise .....	66
<b>5.</b>	<b>Análise e discussão dos resultados.....</b>	<b>77</b>
	5.1. Artigo 1: Desenvolvimento psicossocial e projetos de vida na perspectiva de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social.....	78
	5.2. Artigo 2: Adolescentes em contexto de vulnerabilidade social: significados atribuídos aos vínculos com instituições e profissionais.....	79
	5.3. Artigo 3: O desenvolvimento psicossocial de adolescentes na perspectiva de profissionais no contexto de vulnerabilidade social.....	80
<b>6.</b>	<b>Considerações Finais .....</b>	<b>81</b>
<b>7.</b>	<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>87</b>
<b>8.</b>	<b>Apêndices.....</b>	<b>97</b>
	8.1. Termo de consentimento livre e esclarecido para adolescentes e familiares .....	97
	8.2. Termo de consentimento livre e esclarecido para profissionais .....	99
	8.3. Roteiro da primeira entrevista semi-estruturada com as/os adolescentes .....	101
	8.4. Mapa de redes .....	102
	8.5. Gráfico de instituições da comunidade .....	105
	8.6. Roteiro da segunda entrevista semi-estruturada com	

as/os adolescentes .....	106
8.7. Roteiro da entrevista semi-estruturada com as/os profissionais .....	107
8.8. Síntese dos Mapas de Redes das/dos adolescentes.....	108



## APRESENTAÇÃO

A presente tese simboliza a história de um longo relacionamento que se iniciou em 1996 com a inserção de uma acadêmica do curso de Psicologia no então Laboratório de Educação e Saúde Popular. De lá para cá, a acadêmica tornou-se profissional e o Laboratório passou a Núcleo e posteriormente tornou-se o Laboratório de Saúde, Família e Comunidade (Labsfac). Os estudos e as intervenções nos contextos hospitalares e comunitários marcaram profundamente a formação da profissional e pesquisadora que em 2010 defendeu a dissertação “*Gravidez entre 12 e 14 anos: repercussões na vida de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social*”, delimitando o interesse pelo campo da adolescência em contextos vulneráveis e a identificação com as linhas de pesquisa do Labsfac.

A motivação para aprofundar a compreensão sobre o desenvolvimento dos adolescentes e suas redes de relacionamentos, contribuindo na ampliação dos conhecimentos sobre os recursos de enfrentamento e fatores de proteção que possam estar presentes no contexto comunitário, levou à realização da presente tese, que se insere em um projeto mais amplo do Labsfac, intitulado “Práticas psicológicas no contexto da saúde: dinâmica das redes sociais significativas e de suporte social”. Nesse sentido, destaca-se o compromisso da pesquisadora, que por treze anos estudou e atuou como psicóloga em serviços voltados para crianças, adolescentes e suas famílias, procurando contribuir com o fortalecimento e desenvolvimento tanto das pessoas atendidas, quanto da profissão. Espera-se que este trabalho possa refletir o amadurecimento e o sentimento de gratidão que vem resultando dessa relação ao mesmo tempo desafiadora e enriquecedora.



## 1. INTRODUÇÃO

A temática do desenvolvimento de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social na contemporaneidade inscreve-se dentro de um novo paradigma de estudos em desenvolvimento humano, o qual procura compreender interações complexas, dinâmicas e multifacetadas entre a pessoa e determinados ambientes que fazem parte de um contexto histórico, social e cultural (Aspesi, Dessen & Chagas, 2005; Morin, 1996). A adolescência, atualmente considerada um estágio do ciclo vital, reúne mudanças biológicas, cognitivas e socioemocionais, num processo de busca pela definição de uma identidade própria e autônoma em relação à família (Erikson, 1976; Santrock, 2014; Schoen-Ferreira & Aznar-Farias, 2010).

Esse processo acontece num contexto familiar e comunitário que se inscreve numa conjuntura social mais ampla na qual estão presentes políticas públicas e instituições. Disso decorre a necessidade de integrar conhecimentos de diferentes disciplinas e compreender as interações entre múltiplos sistemas, evidenciando a interdependência entre fatores que compõem o desenvolvimento ao longo do ciclo vital (Aspesi, Dessen & Chagas, 2005; Bronfenbrenner, 2011). Além disso, essa configuração reafirma a necessidade de um olhar abrangente sobre a temática, o qual considere a complexidade e as relações entre esses múltiplos fatores, de modo a produzir um conhecimento contextualizado (Morin, 1996).

No Brasil, o último censo contabilizou cerca de 34 milhões de jovens entre 10 e 19 anos, sendo que pouco mais de um milhão desses reside em Santa Catarina (IBGE, 2010). A preocupação com riscos e danos ao desenvolvimento nessa fase da vida tem sido demonstrada por estudos que abordam a relação entre adolescentes e a sexualidade, cuidados com a saúde, gravidez na adolescência, uso de drogas, evasão escolar, violência e projetos de vida, dentre outros.

Com relação à saúde sexual e reprodutiva, a atividade sexual na adolescência tem se mostrado mais prevalente entre homens adolescentes, e associada com frequência a outros comportamentos que denotam situações de vulnerabilidade, como a condição socioeconômica, a violência, o tabagismo, o uso de álcool e outras drogas (Baptista, Maciel, Caldeira, Tupinambás & Greco, 2012; Sasaki, Leles, Malta, Sardinha & Freire, 2015). Isso vai ao encontro do que aponta o Ministério da Saúde (2014) quando relata que entre a faixa etária dos 13 aos 19 anos existem 30% a mais de notificações de AIDS

entre homens do que entre mulheres. No entanto, o aumento da taxa de detecção nos últimos dez anos entre mulheres de 15 a 19 anos mostra que a população feminina também se encontra vulnerável, aspecto corroborado pela fala de adolescentes que relatam a falta de conhecimento e autocuidado com as questões relacionadas à vida sexual (Silva et al., 2014).

Além das doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez na adolescência, embora possa ser vivenciada de forma positiva e até representar um fator de proteção frente a riscos ambientais associados à violência e às drogas (Farias & Moré, 2012; Oliveira-Monteiro, 2010), costuma impactar a relação com os estudos, trabalho e lazer, colocando a adolescente numa condição de dependência da renda familiar ou do companheiro (Gonçalves et al., 2012). A frequência mais baixa do uso de métodos contraceptivos entre adolescentes em situação de vulnerabilidade social (Rozenberg, Silva, Bonan & Ramos, 2013), a pouca comunicação sobre sexualidade com a família associada ao sentimento de vergonha (Jardim, Campos, Mata & Firmes, 2013) e a realização de abortos em função do medo da reação dos pais ou falta de apoio (Correia, Cavalcanti, Egito & Maia, 2011) apontam outros riscos que acompanham o início de uma vida sexual que costuma ser influenciada por estereótipos e relações assimétricas de gênero (Bordini & Sperb, 2012).

O contexto familiar pode potencializar a vulnerabilidade desses adolescentes quando convivem com situações de violência (Cocco & Lopes, 2010), de histórias de privações de recursos materiais (Germano & Colaço, 2012), de desemprego dos pais (Faria, 2013) e a responsabilidade pelo cuidado com os irmãos e pelas tarefas domésticas (Dellazzana & Freitas, 2010), influenciando a construção de seus projetos de vida, que podem ser pouco definidos ou reduzidos à expectativa de trabalhar (Monteiro, Azevedo, Sobreiro & Constantino, 2012). A inserção no mercado de trabalho também pode ser permeada de dificuldades e estigmas ligados ao local de moradia desses jovens (Pereira & Malfitano, 2012), o que pode favorecer a significação do tráfico de drogas enquanto perspectiva laboral capaz de possibilitar “status” e acesso a bens de consumo (Arpini & Gonçalves, 2011).

O convívio com o universo das drogas também é facilitado pela naturalização do uso do álcool em festividades e pela pressão do grupo de amigos que favorece o uso como forma de evitar críticas, injúrias ou exclusão (Atanázio, Santos, Dionísio, Silva & Saldanha, 2013). O hábito de fumar mostrou relação com o uso de drogas ilícitas, apresentando 37 vezes mais chance de uso entre adolescentes que fumam. Adolescentes

oriundos de família com renda inferior a R\$650,00 também apresentaram 3,5 mais chances de experimentar drogas do que os de família com melhores condições socioeconômicas (Backes et al., 2014). Esses fatores associam-se ainda à ocorrência de bullying e agressões entre adolescentes, aumentando os riscos à sua saúde física e à psicológica (Malta et al., 2012; Silva et al., 2012).

Os aspectos até aqui colocados desvelam adversidades que estão presentes no cotidiano das/dos adolescentes e se configuram como desafios para as políticas públicas que atuam com essa população no sentido de assegurar proteção e promover seu desenvolvimento. Por isso a necessidade de estudar o fenômeno do desenvolvimento psicossocial de adolescentes de forma contextualizada, considerando os múltiplos fatores que convergem para sua determinação, de modo a evidenciar a complexidade presente em contextos de vulnerabilidade social. Em consonância com o pensamento de Morin (2007), pretende-se estudar um conjunto, ao mesmo tempo único e múltiplo, com elementos associados e integrados, e que devem ser apreendidos no todo a fim de que suas propriedades sejam preservadas.

O foco nas relações possibilita a adoção de uma lógica da conjunção, que ao invés de reduzir o complexo ao simples, propõe a superação de um pensamento mutilador, fragmentado e redutor, integrando o simples no complexo e estabelecendo suas interrelações e articulações. Cabe ressaltar a distinção entre complexidade e completude, uma vez que a busca de articulações entre diversos conhecimentos implica no reconhecimento da impossibilidade de abarcar um conhecimento completo sobre o fenômeno. Essa impossibilidade, portanto, está colocada desde o início, fundada no reconhecimento de um princípio de incompletude e incerteza representado pelo pressuposto da imprevisibilidade (Ferreira, Calvoso & Gonzales, 2002; Morin, 2007).

A proposta de Morin sobre complexidade traz consigo, também, o reconhecimento da intersubjetividade, a qual reúne a compreensão de que a produção do conhecimento passa pela experiência, permitindo reconhecer a influência do pesquisador e de seus conteúdos culturais sobre o fenômeno estudado, numa relação indissolúvel entre observador e objeto (Ferreira et al., 2002; Vasconcelos, 2007). As ideias trazidas pela epistemologia da complexidade proposta por Morin (2007) sustentam a posição epistemológica deste trabalho, possibilitando a consideração de aspectos psicológicos, relacionais, contextuais e institucionais em torno da temática central. A integração de tais aspectos

remete ainda para diálogos interdisciplinares, nos quais diferentes saberes possam ser articulados a fim de se produzir uma melhor compreensão do fenômeno.

No contexto das colocações acima, a proposta de produção deste trabalho se assentou em conceitos norteadores sobre o processo de desenvolvimento psicossocial, de vulnerabilidade social, de redes pessoais significativas e de políticas públicas, que sustentaram a construção da tese de forma a contemplar aspectos micro e macrossociais em suas análises.

O primeiro deles, diz respeito à *concepção de desenvolvimento* proposta por Erik Erikson (1976), quem ao associar psicanálise e antropologia cultural, lançou luz sobre a interação entre processos internos e sociais, possibilitando a integração entre aspectos biológicos, históricos e socioculturais. Em sua teoria do desenvolvimento psicossocial descreveu oito estágios, cada qual com temáticas centrais vinculadas por um lado às condições evolutivas do ego e por outro às exigências sociais específicas. A cada fase da vida, a interação entre o desenvolvimento físico, psicosexual e social da pessoa manifestam conflitos ou crises específicas que devem ser elaboradas, num processo em que a personalidade se depara sucessivamente com conflitos internos e externos que, se bem integrados, resultam num sentimento de unidade interior, dotando a personalidade de atributos adaptativos. (Erikson, 1976; Oliveira, 2006).

A adolescência corresponde ao quinto estágio, manifestando-se através do conflito “Identidade versus Confusão de Identidade”, no qual o adolescente recupera os recursos de ego desenvolvidos em fases anteriores para lidar com as transformações físicas e psicológicas deste período. Essa etapa corresponde a uma moratória, na qual a “sociedade” substitui o meio infantil em termos de exigências, permitindo a recapitulação de elementos para encontrar um novo sentido de continuidade e de uniformidade que inclua a maturação sexual. Assim, o estabelecimento da identidade assume um lugar central, envolvendo o desenvolvimento de uma concepção sobre si mesmo, com a definição de valores, crenças e metas de vida com as quais o indivíduo se compromete (Erikson, 1976).

O contexto no qual esse desenvolvimento se desenrola pode apresentar situações relacionadas a um conjunto de fatores individuais, coletivos e contextuais, o qual pode favorecer direta ou indiretamente a ocorrência de riscos ou danos ao desenvolvimento dos adolescentes (Ayres, França Júnior, Calazans & Salleti Filho, 2003), caracterizando uma condição de *vulnerabilidade social*, a qual se configura no segundo

conceito norteador dessa tese. O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS, 2012) esclarece que não há uma única definição para o termo vulnerabilidade, tendo em vista tratar-se de um conceito complexo e multifacetado, que vem sendo discutido por muitos autores. No entanto, adota uma concepção que inclui um olhar complexo sobre as questões relacionadas à pobreza, dando um sentido dinâmico para o estudo das desigualdades na medida em que considera múltiplas situações de desproteção social que podem estar presentes na realidade social (MDS, 2012).

A vulnerabilidade é um fenômeno complexo e multifacetado, que pode manifestar-se de diferentes formas, exigindo análise especializada e respostas interssetoriais para seu enfrentamento. Ressalta que não se trata de sinônimo de pobreza, apesar dessa agravar a vulnerabilidade vivenciada pelas famílias. Remete a uma zona instável que as famílias podem atravessar, recair ou permanecer ao longo de sua história, não se tratando, portanto, de uma condição dada ou definitiva. Se não forem prevenidas ou enfrentadas, as situações de vulnerabilidade podem gerar ciclos inter-geracionais de reprodução e/ou resultar em situações de risco. Dentre os fatores que podem favorecer a ocorrência de situações de vulnerabilidade social pode-se destacar a pobreza, a privação, a dificuldade no acesso a serviços públicos e a fragilização de vínculos afetivos, as situações de discriminação, dentre outras, nas quais podem estar expostas famílias e indivíduos (MDS, 2012).

Os relacionamentos familiares e comunitários sinalizam a importância de conhecer as *redes pessoais significativas* dos adolescentes, que se configuraram no terceiro conceito norteador e que, de acordo com Sluzki (1997, p.41) envolve “a soma de todas as relações que o sujeito percebe como significativas, ou define como diferenciadas da massa da sociedade”. Incluem-se os vínculos, as relações familiares, de amizade, de trabalho, de estudo, assim como a participação comunitária e as práticas sociais. Os vínculos de apoio de um indivíduo, em diferentes graus de proximidade, podem ser visualizados através do mapa de redes, composto pelos quadrantes: família, amizades, relações de trabalho/escola e comunidade, com uma subdivisão para as relações com profissionais da saúde (Sluzki, 1997).

As redes também podem ser avaliadas a partir de suas características estruturais, funções e atributos dos vínculos. No que se refere à sua estrutura, as redes podem variar de tamanho (número de integrantes, as mais efetivas têm entre 8 e 10 membros), densidade (conexão entre os membros independente do indivíduo), composição ou

distribuição (concentração em um ou vários quadrantes), dispersão (distância geográfica entre os integrantes), homogeneidade e heterogeneidade (sexo, idade, cultura e nível socioeconômico). Quanto às funções, podem ser de companhia social (realização de atividades em conjunto), apoio emocional (relações com atitudes emocionais positivas, como empatia e compreensão), guia cognitivo ou de conselhos (proporciona informações pessoais, sociais e modelos de referência), regulação social (reafirmação de responsabilidades, desestimulando desvios de comportamentos), ajuda material e de serviços (auxílio financeiro ou de serviços específicos) e acesso a novos contatos (ampliação das relações para estabelecer vínculos em novas redes) (Moré & Crepaldi, 2012; Sluzki, 1997).

Os atributos dos vínculos caracterizam a sua função predominante (principal função de um tipo de vínculo), a multidimensionalidade (quantidade de funções desempenhadas pela mesma rede), a reciprocidade (simetria entre duas pessoas, com o indivíduo desempenhando uma função equivalente àquela que recebe do outro), a intensidade (grau de intimidade e compromisso com a relação), a frequência de contatos (manutenção ou quebra dos vínculos) e a história da relação (dados desde que se conheceram) (Sluzki, 1997). Identificar e conhecer o funcionamento das redes pessoais significativas faz-se especialmente pertinente pela possibilidade que essas vêm apresentando de oferecer suporte para uma vida saudável ao longo do desenvolvimento, reunindo um complexo sistema de ações, relações e intervenções que ocorrem tanto num plano micro quanto macrosocial (Germano & Colaço, 2012).

Assim, o contexto mais amplo, ou macrosocial remeteu para o quarto conceito norteador deste trabalho, compreendido como as *políticas públicas* permeadas pela “Doutrina da Proteção Integral”, que pautou uma nova concepção sobre as crianças, os adolescentes e suas relações com a família, a sociedade e o Estado, passando a considerá-los sujeitos de direitos com necessidades específicas que necessitam de suporte e proteção. No Brasil, este processo consolidou-se com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o qual estabelece a responsabilidade das famílias, das comunidades, da sociedade em geral e do poder público de assegurar a proteção integral de crianças (0-12 anos) e adolescentes (12-18 anos), oportunizando as condições necessárias ao seu desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, com liberdade e dignidade (ONU, 1989; Lei 8069, de 1990). Neste trabalho procurou-se aprofundar o olhar em torno da política de saúde, educação e assistência social, por compreender que



essas apresentam atribuições específicas e realizam ações que estão (ou deveriam estar) presentes com maior frequência no cotidiano das/dos adolescentes.

Assim, no campo da saúde, a atenção às/aos adolescentes vem sendo efetivada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), cujos serviços visam promover, proteger e recuperar a saúde, garantindo às pessoas e à coletividade condições de bem-estar físico, mental e social. A participação de fatores contextuais e sociais como determinantes e condicionantes de saúde da população, ações de prevenção, promoção da saúde e enfrentamento de vulnerabilidades fazem parte do trabalho dos profissionais e se concretizam nos territórios através de ações das equipes de Saúde da Família. Em 2005, o Ministério da Saúde publicou um manual de orientações para implementar ações e serviços que atendam às/aos adolescentes de forma integral, enfatizando a necessidade de respeitar suas necessidades e características específicas (MS, 2005; Lei 8080, de 1990).

O documento enfatiza a importância de que os profissionais fortaleçam a autonomia das/dos adolescentes através de uma postura acolhedora e sem juízo de valor, tanto nos atendimentos individuais quanto em grupo, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e capazes de fazer escolhas de forma consciente. Os trabalhos em grupo abordam temáticas como, cidadania, projetos de vida, sexualidade, relações sociais e de gênero, violência, drogas, autocuidado, trabalho etc. Em 2010, o Ministério da Saúde lançou um novo documento ampliando a especificidade deste atendimento para a faixa etária dos 10 aos 24 anos, em reconhecimento à condição de vulnerabilidade do grupo jovem, enfatizando também a importância das articulações interssetoriais e interdisciplinares para o enfrentamento de vulnerabilidades e promoção do desenvolvimento deste grupo populacional (MS, 2005; 2010).

Outra política pública implicada na formação das/dos adolescentes é a Educação que, inspirada nos princípios de liberdade e de solidariedade humana, tem por finalidade desenvolver plenamente o educando, preparando-o para o exercício da cidadania e qualificando-o para o trabalho. Tal processo se desenvolve na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e de pesquisa, nos movimentos sociais, nas organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. A escola precisa estar em consonância com as demandas da sociedade, tratando de questões que interferem na vida dos alunos, como meio ambiente, saúde, sexualidade e questões éticas

relativas à igualdade de direitos, à dignidade do ser humano e à solidariedade. Os conteúdos curriculares, por conseguinte, necessitam observar a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, assim como o respeito ao bem comum e à ordem democrática (Lei 9394, de 1996; MEC, 1997).

Assuntos relacionados com a educação para a cidadania necessitam de uma abordagem que contemple sua complexidade e dinâmica sendo, por isso, trabalhados de forma transversal às disciplinas, em função da impossibilidade de serem tratados de forma isolada por alguma área. O Ministério da Educação (1998) propõe os seguintes temas transversais: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo. Os temas formam um conjunto articulado entre si, mas cabe aos professores realizar a integração dos conteúdos, de forma a ultrapassar a simplificação e fragmentação do conhecimento. Por transgredirem as fronteiras epistemológicas das disciplinas, o trabalho com esses temas possibilita resgatar relações existentes entre os conhecimentos, imprimindo uma visão mais significativa do conhecimento e da vida (Santos, 2008).

Os serviços de saúde e de educação efetivam-se em contextos específicos que, quando configuram situações de risco e/ou vulnerabilidade social, demandam também uma atuação da política de assistência social. No Brasil, cerca de 11 milhões de pessoas (6% da população) vivem em comunidades ou assentamentos irregulares, consideradas áreas pouco propícias à urbanização e sem condições básicas de saneamento e de moradia. Além disso, aproximadamente 9 milhões de brasileiros encontram-se em situação de extrema pobreza, de acordo com critérios internacionais. O enfrentamento e a prevenção dessas situações nas comunidades são realizados através dos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), que através do Serviço de Proteção de Atenção Integral à Família (PAIF), buscam fortalecer as famílias e garantir seu acesso a direitos e serviços (IBGE, 2010; MDS, 2009).

Esse trabalho ainda ocorre de forma articulada com outros serviços públicos locais, rede socioassistencial, conselhos de direito, organizações não governamentais, associações de moradores, serviços de enfrentamento à pobreza, dentre outros, reduzindo a vulnerabilidade das famílias em seu território de abrangência. No que se refere especificamente às/aos adolescentes, a assistência social também conta com o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, voltados para crianças e adolescentes beneficiários do Programa Bolsa Família ou

em situação de risco pessoal ou social. A metodologia prevê a abordagem de conteúdos necessários à compreensão da realidade e à participação social por meio da arte-cultura e do esporte-lazer. Além disso, o Acessuas Trabalho promove o acesso de usuários da assistência social ao mundo do trabalho, sendo acessível para adolescentes a partir dos 14 anos (MDS, 2015).

Atualmente, as entidades não governamentais que atendem adolescentes também compõem essa política, necessitando inscrever seus programas e especificar seus regimes de atendimento junto ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, o qual realiza avaliação e emissão de autorização de funcionamento. (Lei 8069, de 13 de julho de 1990). Tanto os aspectos levantados pela assistência social, como os levantados pelas políticas de saúde e de educação têm pontos em comum como, a promoção da cidadania das/dos adolescentes e o enfrentamento de vulnerabilidades, sinalizando possibilidades de articulações em rede que busquem contemplar objetivos em comum.

A partir da compreensão deste conjunto de forças que influenciam o desenvolvimento humano, salienta-se a necessidade não só de considerar os aspectos psicológicos individuais e familiares presentes na adolescência, mas também a relação das/dos adolescentes com outros contextos e a sociedade em geral. Como forma de compreender as relações e os significados implicados nesse processo, optou-se pela metodologia qualitativa, a qual através do contato direto com as pessoas no contexto em que vivem, proporciona o exame de dados na busca dos sentidos e das significações que os participantes lhes atribuem (Noreña, Moreno, Rojas & Malpica, 2012). Além disso, possibilita dar voz aos participantes para que compartilhem suas histórias, permitindo ampliar a compreensão em torno do ambiente em que vivem, favorecendo um entendimento detalhado da complexidade envolvida no fenômeno (Creswell, 2014).

Conforme mencionado na apresentação, a vivência institucional da pesquisadora possibilitou um contato próximo com as dificuldades e possibilidades encontradas pelas equipes no contexto dos serviços públicos, motivando seu interesse sobre o desenvolvimento de adolescentes inseridos em um amplo contexto de relações. A partir do questionamento: “Qual a visão de adolescentes e profissionais que vivem e atuam em contextos de vulnerabilidade social sobre o desenvolvimento psicossocial, relações comunitárias e institucionais das/dos adolescentes?”, pretende-se compreender o ponto de vista

das/dos adolescentes e de profissionais que compõem sua rede pessoal significativa, evidenciando aspectos implicados na complexidade em torno do seu desenvolvimento.

A opção de lançar luz sobre os vínculos significativos e sobre as relações institucionais das/dos adolescentes, dando voz também a profissionais que compõem suas redes, remete para à intenção de ir além do estudo dos riscos e das vulnerabilidades associados à adolescência, desvelando também fatores que podem configurar-se como fatores de proteção e suporte ao desenvolvimento dessa população. Espera-se, dessa forma, dar uma contribuição ao campo de estudos nessa área, gerando subsídios para qualificar profissionais que trabalham com adolescentes em comunidades vulneráveis no sentido de aprimorar sua escuta para melhor acolher e compreender as demandas dessa população, colaborando para problematizar e fortalecer as políticas públicas que contemplam a proteção integral dessa faixa etária.

O percurso metodológico evidenciou a trajetória da pesquisadora na efetivação dessa proposta, demarcada pela inserção em uma comunidade vulnerável da Grande Florianópolis através de uma escola pública. A partir de convites realizados em sala de aula foram selecionados 16 adolescentes que participaram de entrevistas e tiveram suas redes pessoais significativas construídas em conjunto com a pesquisadora. O levantamento da rede dos participantes evidenciou vários profissionais considerados importantes em suas vidas, seis deles destacaram-se por fazer parte da rede de vários adolescentes, sendo então convidados a participar do estudo. Os detalhes sobre a inserção no campo, cuidados éticos, instrumentos, procedimentos de coleta de dados e análise do material estão descritos detalhadamente no capítulo do método. A partir das narrativas de adolescentes e profissionais emergiram categorias e subcategorias que possibilitaram a construção de três artigos.

O primeiro deles, intitulado *“Desenvolvimento psicossocial e projetos de vida na perspectiva de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social”*, possibilitou compreender a perspectiva das/dos adolescentes sobre seu desenvolvimento. A partir disso, percebeu-se que a adolescência foi considerada um período de transição para a vida adulta, no qual o suporte dos pais é necessário, embora resultem desagradados quando eles interditam alguns namoros ou amizades. A crescente autonomia das/dos adolescentes foi bastante valorizada, assim como sua participação em atividades lúdicas, culturais, desportivas e de lazer, refletindo também os anseios pela ampliação dessas propostas em

seu cotidiano. O tráfico de drogas apareceu significando risco para o adolescente de se tornar usuário, traficante ou vítima de violência.

As falas sobre sexualidade alertaram para diferenças entre os gêneros com o predomínio de sentidos que associavam a sexualidade a *riscos e prejuízos* entre as adolescentes mulheres, que expressaram temores relacionados à gravidez e a possíveis prejuízos a seu futuro. Já entre os adolescentes homens, a sexualidade esteve frequentemente associada a significados envolvendo *diversão e pressão dos amigos*, revelando a preferência da maioria pelo “ficar” e os comportamentos vexatórios, dos quais são alvo os adolescentes que preferem namorar. Os estudos foram valorizados e vistos como forma de obter uma profissão e ser valorizado socialmente. Já o trabalho, mostrou-se desejado principalmente pela autonomia financeira que pode proporcionar.

As redes pessoais significativas incluíram a presença de familiares, amigos e profissionais, a mãe foi a principal fonte de suporte na família, seguida do pai e de outros familiares. As dificuldades nesses relacionamentos contemplaram problemas de comunicação e de falta de diálogo. Os projetos de vida centraram-se no estabelecimento de uma família e de uma identidade profissional, mostrando-se impactados pelo contexto de vulnerabilidade social, o qual os coloca em proximidade com riscos e incertezas quanto à possibilidade de concretizar seus planos para o futuro.

O segundo artigo, intitulado “*Significados atribuídos aos vínculos com instituições e profissionais da rede pessoal significativa de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social*”, possibilitou compreender a inserção comunitária e institucional das/dos adolescentes. Com relação ao contexto comunitário, as/os adolescentes demonstraram “satisfação” com as instituições, principalmente escola e projetos sociais, e com as pessoas da comunidade, incluindo amigos, profissionais e vizinhos. As experiências das/dos adolescentes com a escola revelaram a valorização das questões de ensino e aprendizagem, bem como a insatisfação com as brigas frequentes entre as/os alunos. Sobre a participação em instituições de assistência social, ressaltou-se o gosto pelas atividades oferecidas (culturais, desportivas, lúdicas, educativas e de lazer) e o relacionamento com os profissionais, havendo poucas menções a aspectos que geravam desagrado. Em ambas as instituições, os profissionais foram vistos como pessoas que proporcionam compreensão, cuidado e intervenções em situações de

conflito, quando necessário, exercendo várias funções na rede pessoal significativa das/dos adolescentes.

Na relação com a Unidade Básica de Saúde (UBS) predominou a insatisfação com as dificuldades no acesso a atendimentos e procedimentos. As/os adolescentes desconheciam os profissionais e assumiram uma relação distante com a instituição. O contato com instituições religiosas revelou diferenças entre adolescentes que se consideravam adeptos e as/os que eram obrigados a acompanhar os responsáveis, evidenciando críticas às normas de comportamento de algumas igrejas. A relação com a comunidade foi permeada pela insatisfação com o “mundo do tráfico de drogas” (sic), associado ao medo, à violência, a tiroteios frequentes e à exposição aos perigos e riscos quando se está nas ruas. As repercussões no cotidiano incluíram histórias de violência, lesões, mortes e tiroteios frequentes que simbolizam a “guerra” entre facções do tráfico. Ressaltou-se o relacionamento das/dos adolescentes e seus familiares com esse contexto, permeado pelos convites para o uso/venda de drogas, histórias de violência, prisões e vínculos abalados pelo envolvimento de familiares, assinalando o grau de vulnerabilidade a que essas/esses jovens estão expostos.

O terceiro artigo, intitulado “*O desenvolvimento psicossocial de adolescentes na perspectiva de profissionais que atuam em contexto de vulnerabilidade social*”, buscou compreender as experiências e os sentidos atribuídos por profissionais significativos sobre o desenvolvimento de adolescentes na comunidade. As narrativas revelaram que os profissionais consideram que as/os adolescentes demonstram capacidade de enfrentamento diante das adversidades, mas também percebem dificuldades que necessitam do suporte institucional. Na perspectiva deles, as/os adolescentes têm dificuldades de significar os estudos como oportunidade para uma vida melhor e de conciliá-lo com o trabalho, elementos que costumam ser o foco dos projetos de vida, quando existem. A ausência de suporte foi a principal dificuldade identificada nos relacionamentos familiares, resultando em pouco diálogo e desconhecimento das necessidades da/do adolescente. A violência se manifesta nas relações com o tráfico de drogas (convites, ameaças, restrições de circulação), e também nas inúmeras carências não atendidas (necessidades emocionais, de lazer e oportunidades).

Os dados obtidos sobre a atuação profissional com as/os adolescentes e suas famílias explicitaram tanto os danos decorrentes do trabalho (desânimo, desgaste emocional etc.), quanto das gratificações (sentimentos de satisfação, aprendizado etc.). As/os profissionais

consideraram ainda o trabalho com essa população requer características como disponibilidade afetiva para ouvir, relacionar-se e oferecer apoio, dentre outras. As ações realizadas envolveram o cuidado com as atividades ofertadas e com o envolvimento das famílias. Evidenciaram-se ainda características das relações que os profissionais estabelecem com as/os adolescentes e que se configuram como fatores de proteção. As principais foram a capacidade de comunicação com as/os adolescentes, o incentivo ao desenvolvimento de habilidades/potenciais e a mediação constante de conflitos, com a problematização e com a reflexão em torno de atitudes agressivas.

O estudo permitiu vislumbrar que a vulnerabilidade social, embora possa favorecer a ocorrências de riscos e danos, não se configura como impeditivo ao desenvolvimento de adolescentes, que podem encontrar nas relações familiares, comunitárias e institucionais recursos para o enfrentamento das adversidades decorrentes de tal condição. Nesse sentido, destaca-se o desafio da presente tese que, na medida em que deu voz a essa população, visibilizou tensionamentos e ambivalências presentes tanto nas experiências adolescentes quanto no contexto comunitário, permitindo não só reconhecer as fragilidades e os riscos, mas também identificar recursos e potenciais que coexistem no mesmo ambiente.





## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo Geral**

Compreender o processo de desenvolvimento psicossocial adolescente e de inserção comunitária, na perspectiva de adolescentes e profissionais em contexto de vulnerabilidade social.

### **2.2. Objetivos Específicos**

- Conhecer a perspectiva das/dos adolescentes sobre seu processo de desenvolvimento e projetos de vida;
- Mapear a rede pessoal significativa das/dos adolescentes e suas relações com a rede de serviços da comunidade;
- Entender o desenvolvimento adolescente na perspectiva de profissionais significativos e suas experiências de trabalho com essa população.



### 3. MÉTODO

#### 3.1. Desenho da Pesquisa

Pesquisar envolve a ampliação do conhecimento, incluindo realidades múltiplas e complexas, como no caso do presente estudo, que procurou dar voz a adolescentes que vivem em contexto de vulnerabilidade social, aumentando a compreensão sobre os significados que esses atribuem ao seu próprio desenvolvimento e as relações que estabelecem com as pessoas e o meio que os cerca. As escolhas metodológicas no estabelecimento desse percurso não se reduziram a um conjunto de procedimentos, pois refletiram uma forma de ver e pensar o mundo, sustentada na necessidade de compreender o fenômeno inserido na perspectiva da complexidade, através de um pensamento multidimensional que integrasse e articulasse conhecimentos em torno da temática (Morin, 2007; Strauss & Corbin, 2008).

Essa compreensão da abordagem do fenômeno levou à opção pelo método qualitativo, o qual prioriza a busca dos sentidos e as significações dos fenômenos a partir dos significados que os participantes lhes atribuem (Noreña et al., 2012). Nesse tipo de estudo, os pesquisadores reúnem informações a partir de um contato direto com as pessoas no contexto em que vivem, utilizando habilidades de raciocínio complexo para examinar os dados, compreender seus significados e organizá-los em categorias ou temas que perpassem as fontes. O foco na captação dos significados atribuídos pelos participantes às questões que vão sendo apresentadas, imprime uma característica dinâmica e flexível ao processo de pesquisa, que pode ter o seu planejamento inicial modificado após a entrada em campo e início da coleta de dados, salientando o intento da pesquisa qualitativa em aprender sobre o problema ou questão com os participantes, escolhendo os instrumentos mais adequados para obtenção dessas informações (Creswell, 2014; Olabuénaga, 2009).

O estudo caracterizou-se como descritivo-exploratório, na medida em que possibilitou à pesquisadora familiarizar-se com os participantes, suas vivências e preocupações, procurando explorar e descrever as características do fenômeno, contribuindo para delimitar e aprofundar conceitos em torno da temática (Deslauriers & Kérisit, 2012; Sampieri, Collado & Lucio, 2006). Para tanto, ressalta-se o lugar central do pesquisador nesse processo, uma vez que a apreensão dos fenômenos se dá a partir de suas percepções, suas estratégias e sua postura ética. As

capacidades de olhar, ouvir e escrever se tornaram requisitos fundamentais para a construção de um conhecimento que é necessariamente situado social, cultural e historicamente. Em função disso, considera-se que as dificuldades, desafios e descobertas que foram acontecendo ao longo da coleta e da análise de dados são aspectos que expressam a singularidade desse exercício de sensibilidade e, por essa razão, foram explicitadas ao longo deste capítulo (Freitas et al., 2011; Leite, Silva, Oliveira & Sipp, 2012).

O entendimento de que toda a produção científica reflete o pensamento, a percepção, a interpretação e o modo de compreender a realidade de quem a produz, também reafirma a posição epistemológica que sustenta este estudo, considerando as incertezas, a imprevisibilidade e as contradições como aspectos inerentes de realidades que se mostram múltiplas e complexas (Santos & Hammerschmidt, 2012). A realidade também é compreendida como experiência diversa e subjetiva, constituindo-se de forma singular para cada pessoa, e cujos significados vão se definindo a partir de sua contextualização em um tempo, espaço e grupo específico. Sendo assim, considerou-se o processo de pesquisa como uma construção conjunta e interssuetiva entre a pesquisadora e as/os adolescentes, cuja sistematização almejou explicitar qualidades e significados em torno das questões levantadas (Chueke & Lima, 2012 e Olabuénaga, 2009).

### **3.2. Contexto e Inserção em Campo**

A proposta de realização do presente estudo nasceu no contexto de atuação profissional da pesquisadora, quando psicóloga de um CRAS de um município do Sul do Brasil, cuja população atual é de 421.240 habitantes, segundo dados do Censo 2010. A comunidade em questão, possui cerca de 12 mil habitantes e é considerada pelo IBGE um aglomerado subnormal, expressão que caracteriza assentamentos irregulares conhecidos como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, mocambos, palafitas entre outros. A região também é considerada uma área de interesse social, em função da concentração de famílias com baixa renda, precariedade habitacional e na rede de infraestrutura (incompleta, ausente ou insuficiente), localização em áreas de risco ou ambientalmente impróprias, e irregularidade nas posses de terra (IBGE, 2010).

A precariedade dos equipamentos e serviços urbanos, como creches, postos de saúde, segurança pública, ônibus e escolas, também costumam expressar a condição de vulnerabilidade das populações que

residem nessas regiões e não dispõem, ou têm dificuldades de acessar, serviços e equipamentos públicos. Nesse ponto, percebe-se a peculiaridade da região estudada, a qual conta com uma rede de instituições<sup>1</sup> governamentais e não governamentais que a atendem, composta por: uma escola de ensino fundamental; três creches municipais; uma creche filantrópica; uma Unidade Básica de Saúde; um Centro de Referência da Assistência Social (CRAS); dois Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos<sup>2</sup> mantidos pela Secretaria de Assistência Social, para crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos; quatro Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos mantidos por Organizações Não Governamentais, atendendo crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos; e uma associação que reúne os líderes das diversas comunidades presentes na região.

Ressalta-se que essa rede de instituições também conta com uma organização e espaço de interlocução caracterizado por reuniões em que se discutem as dificuldades das comunidades (e/ou instituições), buscando soluções conjuntas e articuladas para enfrentar problemas complexos que atingem a região. O primeiro contato da pesquisadora com a escola, onde o estudo foi realizado, deu-se em setembro de 2011 por meio da participação em uma dessas reuniões, na qual congregava representantes das entidades governamentais e não governamentais que estavam presentes naquele território. As “Reuniões da Rede”, como eram conhecidas, aconteciam com frequência mensal na escola da comunidade, mas se caracterizavam por ser um movimento sem coordenação definida. Assim, a cada reunião, a coordenação era assumida por uma entidade diferente, que construía a pauta com os participantes e se encarregava de gerenciar o tempo e o andamento da reunião. A pesquisadora integrou-se ao movimento como profissional representante do CRAS, procurando contribuir com as discussões e colaborando na coordenação de uma reunião.

Esses momentos permitiram compreender que existia naquela comunidade um movimento de comunicação e de organização em torno de demandas coletivas identificadas por lideranças comunitárias, moradores e profissionais. Dentre esses, realça-se a insuficiência das

---

<sup>1</sup> As referidas instituições atendem tanto a comunidade estudada, quanto o seu entorno, sendo que muitas, inclusive, localizam-se geograficamente fora da comunidade, mas são consideradas neste estudo como parte da rede por atender à população residente no território em questão.

<sup>2</sup> Projetos sociais ou socioeducativos foram denominados “Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos” a partir da Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009).

instituições presentes no território em garantir o atendimento de toda a população que necessitava de seus serviços, a precariedade em que se encontrava a escola da região (tanto em termos de recursos materiais quanto humanos), a falta de Centros de Educação Infantil (que dificultavam a inserção das mulheres no mercado de trabalho) e a evasão sistemática de adolescentes da escola, incluindo o ingresso de vários no mercado de trabalho ou no tráfico de drogas.

A participação nesse movimento permitiu à pesquisadora aprofundar o conhecimento sobre as dificuldades e demandas da comunidade, bem como estabelecer contato com as lideranças e instituições que atuavam no local, o que facilitou a atuação naquele momento enquanto profissional do CRAS, no sentido de viabilizar algumas ações que só foram possíveis graças à articulação em rede. Além disso, a aproximação favoreceu o fluxo e encaminhamento de famílias ao CRAS, propiciando que a equipe realizasse a proteção social básica por meio de intervenções que interrompessem ou minimizassem a condição de vulnerabilidade dos grupos familiares. Foi nesse contexto que nasceu o desejo de conhecer as/os adolescentes que viviam naquela comunidade específica, processo que foi facilitado pelo vínculo que foi se estabelecendo entre a pesquisadora e os representantes das instituições da região.

As temáticas abordadas nos encontros da rede inicialmente eram bastante variadas, incluindo a comunicação de problemas ou situações de violência ocorridas na comunidade, a divulgação de eventos e a discussão de estratégias coletivas para o enfrentamento de dificuldades identificadas no contexto comunitário. Após alguns meses de participação, a escola entrou na pauta da reunião em função da repercussão que o resultado de uma avaliação realizada pelo Ministério da Educação estava tendo sobre os profissionais da escola e de toda a comunidade. Na referida avaliação, o desempenho da escola havia sido um dos piores do Estado. Na ocasião, os representantes da escola relataram as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos profissionais no exercício de suas funções, que incluíam o quadro reduzido de profissionais, a precariedade das instalações, a necessidade de trabalhar constantemente as situações de violência entre os alunos e o desafio de mantê-los na escola em função da “concorrência” com o tráfico e o mercado de trabalho, tendo em vista que a evasão era uma das grandes responsáveis pelo baixo desempenho na avaliação.

Os meses de convívio da pesquisadora com a escola e a comunidade haviam lhe oportunizado constatar o investimento e a qualidade do vínculo que os profissionais procuravam estabelecer com

as/os alunas/os e suas famílias, oferecendo uma escuta capaz de compreender suas reivindicações, na busca de alternativas para as dificuldades, inclusive junto às demais instituições. Estava claro que se tratava de uma escola diferenciada e humanizada, que exercia uma função social e preventiva importante naquela comunidade. A pesquisadora procurou se posicionar durante essa reunião compartilhando o entendimento de que o índice refletia um problema complexo e que não deveria ser reduzido à culpabilização dos profissionais por um suposto mau desempenho técnico, já que a avaliação não contemplou aspectos qualitativos, nem considerou o contexto de vulnerabilidade em que a instituição atua.

A reunião prosseguiu com manifestações crescentes de apoio à escola por parte de outras entidades. Os profissionais da escola também relataram as diversas reivindicações já realizadas por eles aos órgãos responsáveis, e que até aquele momento continuavam sem respostas. Havia uma preocupação de que o baixo desempenho explicitado pelo índice, aliado à ausência de investimentos para solucionar as dificuldades identificadas, implicasse no fechamento da escola e no remanejamento dos profissionais para outros estabelecimentos. Ao final daquela reunião, a Rede deliberou a melhoria da escola como sua prioridade, iniciando um movimento coletivo para o seu fortalecimento.

Seguiram-se novas reuniões, nas quais as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da escola eram detalhadas, e conversas entre representantes da Rede e o gestor, que não resultavam em melhorias dos problemas apresentados. Quando as entidades decidiram fazer uma denúncia ao Ministério Público, a pesquisadora, enquanto profissional do CRAS, realizou uma compilação de dados sobre a ocorrência de violências na escola e redigiu um documento base, o qual foi discutido e aprimorado em uma reunião coordenada pelo próprio CRAS, o que resultou num documento coletivo de denúncia, assinado pelos representantes das entidades. A manifestação foi entregue pessoalmente em reunião com o Promotor de Justiça, ocasião em que as lideranças reforçaram a solicitação de proteção aos direitos das crianças e das/dos adolescentes da escola.

Novas reuniões foram agendadas e uma audiência pública chegou a ser marcada, mas as autoridades não compareceram. Ainda assim, houve a presença e a participação da comunidade, com o progressivo envolvimento das famílias no movimento. As principais reivindicações diziam respeito à reforma da escola e à melhoria do quadro de profissionais. Além da denúncia junto ao Ministério Público,

a rede levou o problema ao conhecimento da imprensa, a qual realizou matéria jornalística expondo a precariedade das instalações, oferecendo riscos às crianças e às/aos adolescentes.

Os responsáveis pela gestão finalmente compareceram à escola para uma reunião. A Rede fez-se presente nesse momento contou com a presença de aproximadamente 40 pessoas, dentre representantes de entidades, lideranças comunitárias, pais, gestores e profissionais da escola. Na ocasião, os gestores colocaram a impossibilidade de reformar a escola devido à falta de recursos e outras necessidades, porém a comunidade seguiu cobrando e reivindicando as melhorias. A reunião chegou ao fim sem que os gestores assumissem qualquer compromisso (nem mesmo com uma nova data de reunião), o que provocou grande frustração nos presentes. No entanto, algum tempo depois foi aprovado recurso para a reforma da escola e cerca de um ano e três meses após o início do movimento da Rede, as obras foram iniciadas.

Cabe ressaltar que a participação da pesquisadora durante esse processo foi pontual e modesta, estando explicitada neste relato com o objetivo de elucidar o processo de inserção no campo de pesquisa. O movimento de organização da Rede, contudo, já existia há vários anos e durante o período em que buscou as melhorias na escola contou com grande envolvimento de várias lideranças, inclusive em reuniões em que a pesquisadora não esteve presente. Entretanto, destaca-se que a característica principal desse movimento foi a circulação dos envolvidos no processo, de modo que não houve a centralização da liderança em torno de uma única pessoa e cada qual contribuía e participava dos eventos conforme sua disponibilidade. Para a pesquisadora, a participação nesse movimento foi uma experiência singular, que fortaleceu o desejo de estudar a comunidade e ouvir suas/seus adolescentes.

Assim sendo, no período previsto para o início das entrevistas, a pesquisadora entrou em contato com uma profissional da escola, com quem já tinha convívio através das reuniões da Rede para expor os objetivos do estudo e consultar as possibilidades de a escola apoiar o projeto, facilitando o acesso às/aos adolescentes. Diante da receptividade, foi realizado novo contato, dessa vez com a direção da escola, a qual acolheu a proposta e colocou a instituição à disposição para colaborar. Inicialmente a pesquisadora esperava poder contar com a escola para além de facilitar o primeiro contato com as/os adolescentes e seus responsáveis, realizar as entrevistas na própria escola, se houvesse espaço físico adequado disponível.



Novamente as solicitações foram atendidas e além de oferecer uma sala privativa para realização das entrevistas, os educadores ainda ofereceram a possibilidade de que as entrevistas ocorressem durante o período de aulas. Ainda que facilitasse consideravelmente o trabalho de pesquisa, procurou-se questionar se essa dinâmica poderia trazer prejuízos acadêmicos aos alunos, mas o entendimento da escola foi o de que os alunos careciam de espaços de escuta individual, o que poderia ser um benefício proporcionado pelo estudo, e que os docentes estavam disponíveis para proceder à recuperação dos conteúdos, em caso de necessidade. Além disso, foram relatadas experiências prévias que salientavam a dificuldade das/dos adolescentes em comparecer a compromissos agendados no contraturno escolar, com um índice de faltas significativo.

A forma como a inserção em campo foi se estabelecendo e o cuidado dos profissionais em assegurar a viabilidade do estudo, ilustrou a importância da qualidade das relações para o sucesso no acesso aos participantes e procedimentos de coleta de dados. Tal situação demonstra que “o campo de coleta dos dados não se constitui apenas num ambiente selecionado para a investigação, mas sim num cenário onde as relações humanas exigirão muito mais que técnicas de pesquisa” (Leite et al., 2012, p.775). Assim, a sensibilidade do pesquisador em propiciar diálogos que promovam receptividade no cenário de estudo, pode facilitar o estabelecimento de uma aliança estratégica, na qual participantes são acessados a partir de sua rede de relações (Leite et al., 2012; Moré e Crepaldi, 2004).

### **3.3. Participantes**

As/os participantes deste estudo foram 16 adolescentes que frequentavam a escola da comunidade, sendo que esse número procurou contemplar os critérios de saturação teórica para entrevistas no contexto de pesquisas qualitativas (Guest, Bunce, & Johnson, 2006).

Com o objetivo de valorizar a autonomia e o interesse dos mesmos em participar do estudo, a pesquisadora realizou convite em duas turmas da escola sugeridas pela coordenação por contemplar adolescentes na faixa etária proposta, explicitando os objetivos da pesquisa e deixando-os à vontade para participar ou não. Os termos de consentimento foram entregues as/aos adolescentes que manifestaram interesse em participar, sendo assinados também pelos responsáveis (apêndice 1). A pesquisadora ficou à disposição para o esclarecimento

de dúvidas. Apenas uma adolescente manifestou interesse em participar do estudo, mas não foi autorizada por sua responsável, quem também não concordou em conversar com a pesquisadora, inviabilizando essa participação.

Os demais adolescentes foram incluídos no estudo mediante o atendimento dos seguintes critérios de inclusão:

1. Idade entre 11 e 16 anos;
2. Residente na comunidade há pelo menos um ano, por entender que esse tempo permite que a/o adolescente já esteja inserido na dinâmica relacional da comunidade;
3. Ser aluno regular da escola da comunidade.

Os critérios de exclusão referiram-se a comprometimentos cognitivos ou psíquicos que inviabilizassem a compreensão da entrevista por parte da/do adolescente. Uma educadora chegou a informar à pesquisadora que um dos adolescentes interessados no estudo apresentava um “rebaixamento cognitivo”. Durante a entrevista percebeu-se que essa questão não comprometia sua compreensão e participação na pesquisa, razão pela qual se sustentou a inclusão do mesmo no estudo. Outra adolescente, que havia mostrado grande interesse em participar do estudo, e já contava com a anuência dos responsáveis, teve um parente próximo assassinado no período das entrevistas e se ausentou da escola por alguns dias. No retorno conversou com a pesquisadora, a qual percebeu que ela encontrava-se bastante fragilizada e, de comum acordo, formalizou-se a desistência de sua participação na pesquisa.

Assim, a partir dos convites realizados nas salas de aula foi composto um grupo de 16 adolescentes, sendo oito mulheres e oito homens, os quais concordaram em participar do estudo, assinando, junto com seus responsáveis, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. A proposta realizada às/aos adolescentes incluía a participação em duas entrevistas individuais (com aplicação de mapa de redes) e um grupo focal, que seria realizado após o término de todas as entrevistas. A proposta dos grupos focais era de realizar um grupo com os homens e outro com as mulheres, tendo sido corroborada pelas/os próprias/os adolescentes, que explicitaram seu interesse nessa divisão ao longo das entrevistas. Os encontros estavam programados para a última semana de aula, contudo devido à antecipação do período de férias por parte da escola, não foi possível realizá-los naquele momento.

A pesquisadora chegou a retomar a proposta no início do ano letivo seguinte, porém percebeu que haviam acontecido mudanças que dificultariam a reunião das/dos 16 adolescentes – alguns participantes

havia se mudado da comunidade, outros passaram a estudar no período da tarde e alguns vinham faltando às aulas. Mesmo assim, a pesquisadora procurou fazer contato com o maior número de adolescentes e realizar os grupos focais. Reuniu-se 7 dos 8 adolescentes homens entrevistados, e apenas 3 das 8 adolescentes mulheres que haviam participado das entrevistas. Por esse motivo, optou-se por excluir a utilização desses dados do estudo e aprofundar a compreensão dos vínculos entre as/os adolescentes e as/os profissionais, entrevistando as/os profissionais que foram mencionados por, pelo menos, dois adolescentes em seus mapas de redes como sendo figuras significativas e importantes em sua vida.

As/os seis profissionais identificados foram contatados pela pesquisadora, que explicitou os objetivos do estudo e a razão pela qual gostaria de entrevistá-los. Todos concordaram em participar do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice 2). As/os profissionais identificados eram quatro professoras/es (3 mulheres e 1 homem), uma coordenadora e uma assistente social, sendo os cinco primeiros vinculados à escola em que a pesquisadora realizou o estudo e a assistente social a um Serviço de Convivência mantido pela Secretaria de Assistência Social do município. As entrevistas das/dos profissionais da escola aconteceram em seu local de trabalho e a da assistente social deu-se em sua residência, pois no momento da entrevista ela já não atuava mais na instituição.

A mudança nos rumos da pesquisa, apesar de imprevista, mostrou-se bastante pertinente e interessante, porque possibilitou aprofundar aspectos que a pesquisadora acreditava que estariam presentes no relato das/dos adolescentes, mas que não emergiram de forma detalhada durante as entrevistas. A escuta desses profissionais complementou a fala das/dos adolescentes, na medida em que permitiu ampliar a compreensão sobre a influência de aspectos contextuais e de vínculos significativos com profissionais sobre o desenvolvimento das/dos adolescentes.

### **3.4. Instrumentos**

A coleta de dados contou com três instrumentos: a entrevista semiestruturada, o mapa de redes (Sluzki, 1997) e o gráfico de instituições da comunidade, cuja aplicação foi realizada da seguinte forma:

- Adolescentes: duas entrevistas semiestruturadas, mapa de redes e gráfico de instituições da comunidade;
- Profissionais: uma entrevista semiestruturada.

A primeira entrevista realizada com as/os adolescentes foi composta por uma parte inicial, com informações de identificação e dados sociodemográficos, e por uma segunda envolvendo um roteiro semi-estruturado que abordou temáticas como: a) significados da adolescência; b) experiências e atividades preferidas; c) necessidades de desenvolvimento; d) projetos de vida e) estudos e trabalho; f) sexualidade; g) crenças religiosas; h) pessoas significativas; i) comunidade e instituições (apêndice 3). A terceira parte foi composta por questões que levantaram informações para subsidiar a construção do mapa de redes (apêndice 3).

Durante as entrevistas, partiu-se de uma orientação inicial e foi-se introduzindo questões, procurando suscitar verbalizações que permitissem que as/os participantes discorressem sobre suas práticas e expressassem seus pontos de vista, oportunizando a compreensão de diferentes facetas de suas experiências (Poupart, 2012). O registro foi realizado através de um gravador, com a finalidade de preservar com exatidão a fala das/dos entrevistados e possibilitar, posteriormente, a transcrição fiel dos dados.

Na segunda entrevista, a pesquisadora revisava com a/o adolescente as pessoas identificadas por ele como significativas na primeira entrevista, completando as informações de modo a propiciar a construção do mapa de redes (apêndice 4), que foi realizado na sequência. Esse segundo instrumento, conforme proposto por Sluzki (1997), permite o mapeamento de relações significativas, em diferentes graus de proximidade, expressos nos quadrantes: família, trabalho, amizades, comunidade e profissionais da saúde. Visando adequar o instrumento à realidade das/dos adolescentes e do fenômeno estudado, o quadrante “trabalho” foi substituído por “escola”, e o quadrante “profissionais da saúde” foi mantido sob a forma genérica de “profissionais”, uma vez que também poderia incluir relações com profissionais de outras políticas públicas ou setores (Assistência Social, ONGs etc.), conforme modelo:

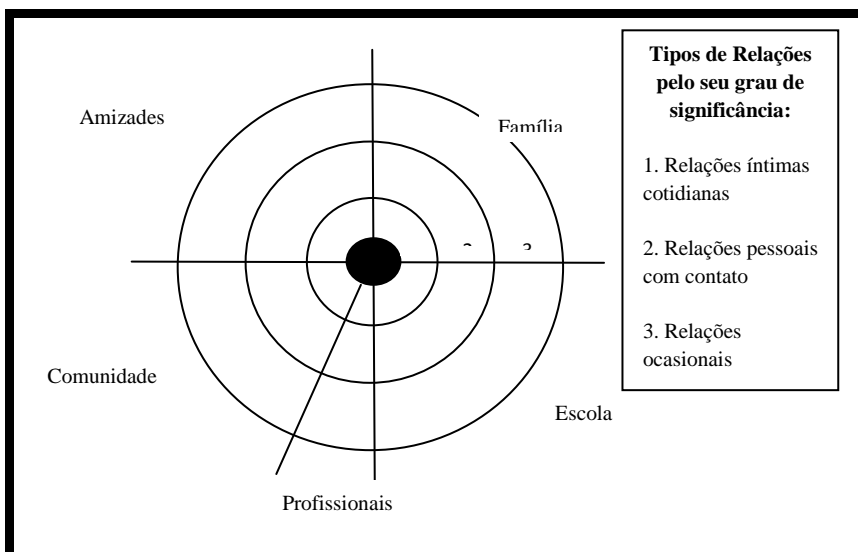


Figura 1 – Modelo de Mapa de Redes.

Assim, após identificar as pessoas que representavam vínculos significativos para as/os participantes, solicitava-se que os posicionassem no mapa, sendo o círculo menor correspondente às relações mais íntimas, o círculo intermediário às relações com menos grau de compromisso relacional e o círculo externo às relações ocasionais (Moré & Crepaldi, 2012).

Além da aplicação do mapa, que propiciou que as/os adolescentes indicassem no gráfico as pessoas consideradas como significativas em suas vidas no momento da entrevista, a pesquisadora também buscou conhecer as instituições que a/o adolescente frequentava ou já havia frequentado, apresentando o gráfico de instituições da comunidade (apêndice 5). Esse instrumento foi construído para facilitar a visualização das instituições presentes na comunidade, subdivididas em saúde, educação, assistência social, ONGs e instituições religiosas. Com isso, a pesquisadora foi lendo as instituições uma a uma e a/o adolescente indicava aquelas que ela/ele já havia frequentado ou frequentava no momento da entrevista. A seguir, solicitava-se à/ao adolescente que indicasse dentre as escolhidas qual era a mais importante no seu ponto de vista, a que mais gostou e a que menos gostou de participar. Seguia-se novo roteiro semiestruturado (apêndice

6) que procurou apreender aspectos relacionados à experiência da/do adolescente em cada instituição mencionada.

Cabe ressaltar que os instrumentos aqui descritos passaram por um processo de refinamento a partir da realização de um estudo inicial para sensibilização dos itens da entrevista semiestruturada, realizado no CRAS da comunidade, composto por duas entrevistas com um adolescente. A experiência proporcionava repensar principalmente a segunda entrevista, a qual teve seu roteiro aprimorado para possibilitar uma melhor compreensão sobre a experiência das/dos adolescentes nas instituições mencionadas por elas/eles. A necessidade de efetivar reformulações na proposta do estudo fez-se presente novamente quando a pesquisadora percebeu a impossibilidade de realizar os grupos focais com todas/os as/os participantes, destacando o caráter provisório e flexível dos estudos qualitativos, cujos projetos frequentemente necessitam ser alterados ao longo da investigação (Olabuénaga, 2009).

A identificação de profissionais significativos por meio do mapa de redes das/dos adolescentes, aliado ao interesse em aprofundar o entendimento sobre a função desses profissionais no desenvolvimento das/dos adolescentes, motivou um novo rumo à pesquisa, com a inclusão de entrevistas com essas/esses profissionais visando aprofundar o conhecimento em torno do fenômeno estudado.

Para tanto, foi elaborado um roteiro semiestruturado com uma primeira parte composta por dados sociodemográficos e uma segunda parte com questões que suscitasse as experiências e os significados atribuídos pelas/pelos profissionais ao desenvolvimento das/dos adolescentes, bem como suas vivências institucionais e comunitárias, abordando temas como: a) a função da instituição na comunidade; b) o relacionamento com as/os adolescentes; c) as ações e os trabalhos desenvolvidos; d) o desenvolvimento das/dos adolescentes; e) características profissionais para atuar com adolescentes; f) formação e espaços de qualificação; g) necessidades de aprimoramento da instituição (apêndice 7). O registro dessas entrevistas também foi realizado por meio de gravador, após autorização dos participantes.

### **3.5. Procedimento de coleta de dados**

Após os procedimentos formais para início da pesquisa, buscou-se estabelecer contato com as/os adolescentes de forma direta, realizando o convite para participação do estudo durante as aulas, conforme explicitado anteriormente. Após a definição das/dos participantes, a pesquisadora acordou com a escola e as/os adolescentes

os dias em que compareceria para realizar as entrevistas. Na referida data, solicitava permissão à professora em sala para levar a/o adolescente para sala reservada, onde foi realizada a entrevista, retornando à sala de aula na sequência. Quando havia tempo para uma nova entrevista o procedimento era repetido com outra/o adolescente.

Antes de começar a primeira entrevista, a pesquisadora retomava os objetivos do estudo e se certificava do interesse da/do adolescente em participar, solicitando autorização para realizar a gravação de áudio e assegurando o anonimato de sua identidade. Informava que faria perguntas para conhecer o que a/o adolescente pensava sobre os assuntos perguntados, não havendo respostas certas ou erradas. Ao final da entrevista, a pesquisadora lembrava à/ao adolescente de que haveria uma segunda conversa e a participação no grupo focal. A realização das segundas entrevistas seguiu a mesma dinâmica da primeira.

Após esse período de entrevistas, foi programado com a escola a realização dos dois grupos focais previstos no estudo, que seriam realizados ao longo da última semana de aula. Entretanto, após uma reunião da escola, foi decidido que as férias seriam antecipadas em uma semana, inviabilizando a realização da proposta. Após início do ano letivo seguinte, a pesquisadora, com o apoio da coordenadora da escola, chegou a tentar reunir as/os adolescentes, mas alguns deles haviam trocado de turno ou não estavam mais residindo na comunidade. Os grupos chegaram a ser realizados, mas os dados não foram utilizados na análise em função da defasagem do número de participantes (7 adolescentes homens e 3 adolescentes mulheres).

Apesar disso, a experiência de observar as/os adolescentes em grupo possibilitou algumas reflexões à pesquisadora, que serão aqui compartilhadas. A primeira refere-se às diferenças de gênero, pois, enquanto no grupo das mulheres a sexualidade foi pouco abordada, no grupo dos homens foi o foco predominante, assim como a temática da violência. Outra reflexão importante diz respeito às diferenças de entrevistar adolescentes individualmente e em grupo, visto que um dos adolescentes que havia demonstrado mais dificuldade em se expressar individualmente, ficando bastante em silêncio e deixando várias questões sem resposta, mostrou uma posição de liderança no grupo (normalmente todos falavam juntos, mas quando ele falava os demais paravam e prestavam atenção).

Enquanto na entrevista individual mostrou-se nervoso e silencioso, no grupo sua postura era de segurança e domínio dos

assuntos referentes à conquista das adolescentes e à sexualidade. Ao final da entrevista em grupo, o participante manifestou curiosidade sobre o estado civil da pesquisadora e sobre o que ela pensava de relacionamentos entre mulheres mais velhas com rapazes mais jovens. Tal questionamento auxiliou a pesquisadora a perceber que as questões da sexualidade podem ter causado a inibição na entrevista individual. Nesse sentido, destaca-se o desafio de acessar a subjetividade das/dos adolescentes e a necessidade da diversificação de técnicas que busquem esse fim.

A impossibilidade de reunir todas/os as/os participantes para realização dos grupos focais levantou ainda uma reflexão em torno das dificuldades de realizar pesquisas em comunidades vulneráveis. Entre as adolescentes, por exemplo, pelo menos seis delas ainda estudavam na escola, mas em períodos diferentes (três na parte da manhã e três na parte da tarde). O grupo foi realizado com apenas três adolescentes em consideração a duas delas que estudavam à tarde e haviam comparecido pela manhã para a entrevista – duas que estudavam pela manhã faltaram naquele dia. Soube-se através da escola que faltas às aulas e principalmente a compromissos marcados fora do horário de aula costumavam ser frequentes entre os alunos, assim como mudanças de residência. Ressalta-se, a partir disso, a importância da aliança com instituições que atuam nesses contextos como forma de acesso e viabilização de estudos com essa população, tendo em vista que outras dificuldades poderiam ter surgido no percurso do estudo se a pesquisadora não tivesse contado com a disponibilidade da escola em colaborar com o processo.

Conforme mencionado anteriormente, esses acontecimentos determinaram uma mudança nos rumos do estudo e acabaram abrindo a possibilidade de aprofundar algumas questões que não emergiram de forma consistente no relato das/dos adolescentes durante as entrevistas e diziam respeito principalmente à relação entre eles e alguns profissionais que se tornaram significativos a ponto de serem incluídos em suas redes pessoais. A modificação na amostragem inicial pode acontecer com o objetivo de gerar progressos no desenvolvimento das categorias de análise, pois reforça a especificação e alarga o alcance em torno da compreensão sobre o fenômeno que está sendo estudado (Laperrière, 2012).

Assim, as/os adolescentes identificaram profissionais que consideravam importantes, mas pouco falaram sobre as razões pelas quais essas pessoas assumiram um lugar diferenciado em suas vidas. Para a pesquisadora, restavam questões a serem respondidas como: Por



que a/o adolescente selecionou, dentre todos os profissionais com que já conviveu, especificamente este para incluir em sua rede pessoal significativa? O que este profissional proporciona em termos de relacionamento à/ao adolescente que o diferencia dos demais? Com o desejo de aprofundar a compreensão em torno dessas questões, a pesquisadora realizou levantamento de todas/os as/os profissionais citados, identificando os seis mais mencionados pelas/pelos adolescentes, que foram convidados a conceder entrevista.

Ao final do estudo, computou-se um total de 38 entrevistas, sendo 32 com as/os adolescentes – cada participante foi entrevistado duas vezes – e 6 com as/os profissionais. O tempo total das gravações foi de 29 horas e 45 minutos, sendo 23 horas e 50 minutos de entrevistas com adolescentes e 5 horas e 55 minutos de entrevistas com profissionais. O tempo médio das entrevistas das/dos adolescentes foi de 44,6 minutos e das/dos profissionais foi de 58 minutos. Compreende-se que o material produzido, a partir da fala das/dos adolescentes, em conjunto com os dados colhidos pelo processo de amostragem discriminante, pelo qual foram entrevistados profissionais vinculados às/aos adolescentes, oportunizou a saturação das categorias em torno do fenômeno central estudado (Creswell, 2014).

### **3.6. Análise de dados**

A análise de dados na abordagem qualitativa permite conhecer as interpretações dos sujeitos, mediante análise de suas narrativas e produções, de modo a evidenciar estruturas de significados em torno das temáticas abordadas. No caso do presente estudo, esta análise foi feita a partir da “Grounded Theory” (Teoria Fundamentada), proposta por Anselm Strauss e Juliet Corbin (2008), segundo a qual a coleta de dados, a análise e a construção teórica, mantêm uma relação muito próxima entre si, a última derivada dos dados, sistematicamente reunidos e analisados por meio da pesquisa. Destarte, o pesquisador não inicia um projeto com uma teoria preconcebida em mente, mas permite que essa emerja a partir dos dados (Strauss & Corbin, 2008; Olabuénaga, 2009). Ressalta-se que a teoria fundamentada inscreve-se mais numa perspectiva de descoberta do que de verificação, haja vista que a coleta de dados é extensa o suficiente para sugerir a teoria e não para confirmar hipóteses. À vista disso, essa metodologia prioriza a realização de uma construção teórica tomando a realidade empírica como fundamento e levando em conta a pertinência dos conceitos

elaborados sobre o fenômeno, em detrimento da descrição minuciosa e exaustiva dos incidentes (Laperrière, 2012).

Este processo de análise é realizado em etapas, que envolvem a codificação aberta, a codificação axial, a codificação seletiva, a codificação para o processo e o modelo condicional/consequencial. A codificação aberta envolve um processo analítico por meio do qual os conceitos são identificados e suas propriedades e dimensões descobertas nos dados. Para tanto, inicia-se realizando uma microanálise, linha por linha, o que permite gerar categorias que refletem essas dimensões e propriedades, e poderão ser agrupadas em padrões. A codificação também pode ser realizada pela análise de uma frase ou parágrafo inteiro, a partir do qual o pesquisador procura compreender a principal ideia revelada no trecho em questão. A terceira forma de codificação envolve a leitura do texto inteiro, procurando apreender aspectos gerais que nortearão um retorno às análises mais específicas, auxiliando a estabelecer similaridades e diferenças (Strauss & Corbin, 2008).

A codificação axial reagrupa os dados que foram divididos na codificação aberta, relacionando categorias e subcategorias para gerar explicações mais precisas e completas dos fenômenos. Cada categoria representa um fenômeno, ou seja, um problema em questão, enquanto as subcategorias respondem a questões sobre esses fenômenos (por exemplo, quando, onde, como, por quê, quem etc), ajudando a esclarecer e a ilustrar o conceito. Assim, as categorias vão adquirindo profundidade e estrutura na medida em que vão sendo desenvolvidas e relacionadas. A etapa seguinte é a codificação seletiva, a qual envolve o processo de integrar e refinar as categorias, transformando os dados em teoria. Para tanto, busca-se a categoria central, que se constitui de uma abstração que representa o tema principal da pesquisa. Em seguida, retorna-se às categorias mal desenvolvidas para completá-las e aprimorá-las, refinando os conceitos (Strauss & Corbin, 2008).

A codificação para o processo envolve a análise das sequências de ações/interações evolutivas que podem ser associadas a mudanças nas condições estruturais. Tem como objetivo, dessa maneira, observar os movimentos que ocorrem em resposta às mudanças no contexto ou nas condições. A análise de processo ocorre de forma concomitante à codificação aberta e axial, podendo fornecer a linha organizadora ou categoria central da teoria, ou assumir um papel de menor destaque, mas que sempre fornece informações significativas sobre como algo se desenvolve. Por fim, o modelo condicional/consequencial constitui-se de um mecanismo analítico que auxilia na localização contextual do fenômeno, inserido em condições macro e micro, permitindo

acompanhar as relações de ações/interações subsequentes por meio de suas consequências (Strauss & Corbin, 2008).

Como forma de auxiliar esse processo utilizou-se o software para análise de dados qualitativos Atlas/ti 5.0, que viabiliza a organização de grande quantidade de textos, gráficos, dados de áudio e vídeo, em conjunto com a codificação, anotações e achados do projeto. Além disso, o programa permitiu arrastar, soltar códigos e fazer buscas de forma ágil, agrupando dados e compondo redes visuais que facilitaram a construção de um mapa conceitual em torno do fenômeno estudado (Creswell, 2014). Logo, em consonância com os pressupostos da pesquisa qualitativa, visou-se compreender os significados que as/os adolescentes atribuíram as suas experiências, concomitante à organização das informações num conjunto sistemático e com sentido singular (Olabuénaga, 2009). Com isso, pretendeu-se capturar parte da complexidade e da riqueza expressa nos dados em torno da temática de adolescência em contexto de vulnerabilidade social.

### **3.7. Considerações Éticas**

As questões éticas estão presentes em todas as etapas que envolvem a elaboração e a execução de um projeto de pesquisa. No caso dos estudos qualitativos, é frequente que o pesquisador se defronte com muitas questões nesse sentido, que vão surgindo ao longo da coleta, análise e divulgação dos dados (Creswell, 2014).

O primeiro cuidado com os aspectos éticos relacionou-se à aprovação do estudo pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) através do parecer 538.965, de 24/02/2014. A coleta de dados só foi iniciada após esclarecimentos e assinatura de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido por parte de adolescentes, responsáveis e profissionais. Nesse processo, a pesquisadora buscou assegurar a autonomia das/dos adolescentes, realizando o convite diretamente a elas/eles mesmos e respeitando seu desejo em participar ou não do estudo. Ademais, colocou-se à disposição de adolescentes e responsáveis para realizar o esclarecimento de dúvidas com relação aos procedimentos e participação na pesquisa. Outro cuidado, que contou com a experiência clínica da pesquisadora no atendimento de adolescentes, foi observar se as/os participantes encontravam-se em boas condições emocionais ao final das entrevistas, deixando contato telefônico em caso de necessidade e realizando encaminhamentos para instituições da rede

quando identificava alguma situação que demandasse intervenções profissionais específicas.

É válido registrar, contudo, que o maior dilema ético vivenciado pela pesquisadora ao longo da pesquisa se relacionou com o sigilo das identidades das/dos participantes quando da elaboração e divulgação dos resultados do estudo. Por tratar-se de uma pesquisa em que foram abordadas questões comunitárias e também da rede de relacionamento das/dos adolescentes, a pesquisadora considerou que a adoção de pseudônimos e a omissão dos nomes das instituições não seriam suficientes para assegurar o anonimato dos envolvidos caso incluísse uma entrevista nos apêndices, uma vez que os dados tomados em seu conjunto poderiam revelar a identidade do interlocutor. Diante disso, a pesquisadora procurou assegurar o cumprimento do contrato com as/os entrevistados, optando por não incluir entrevistas na íntegra nos apêndices do estudo e detalhando aspectos do manejo técnico dessas no presente capítulo, com o objetivo de possibilitar a visualização do processo de coleta de dados.

## 4. RESULTADOS

A apresentação dos resultados foi organizada em duas etapas, de modo a facilitar a compreensão da organização que foi sendo realizada a partir dos dados. Na primeira parte buscou-se caracterizar os participantes, incluindo as/os adolescentes e as/os profissionais entrevistados. Na segunda parte, foram apresentadas as categorias, subcategorias e elementos de análise, de modo a permitir a visualização do processo de análise que subsidiou a construção de três artigos que compõem o próximo capítulo.

### 4.1. Caracterização dos participantes

A caracterização dos participantes foi realizada a partir do levantamento dos dados sociodemográficos realizados no início das entrevistas. Destaca-se que todos os nomes são fictícios, para assegurar o sigilo de suas identidades. Com relação às/aos adolescentes, foi possível observar o perfil do grupo com relação à idade, ano escolar e tempo de residência na comunidade, conforme explicitado no quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização das/dos adolescentes no contexto comunitário por gênero.

Mulheres Adolescentes				Homens Adolescentes			
Nome	Idade (anos)	Ano	Tempo de Residência (anos)	Nome	Idade (anos)	Ano	Tempo de Residência (anos)
Bete	13	8º	13	Cadu	16	7º	13
Duda	13	8º	13	Caio	13	8º	13
Lara	13	8º	10	Davi	13	7º	13
Liza	13	8º	8	Eric	13	7º	13
Malu	13	7º	6	Guto	13	8º	13
Nina	13	7º	7	Hugo	14	8º	14
Rosa	13	8º	13	Nando	13	7º	13
Sara	12	8º	12	Toni	11	7º	11

A faixa etária dos participantes estudados variou entre 11 e 16 anos, com uma média de 13 anos. Entre as adolescentes, a idade variou entre 12 a 13 anos e entre os adolescentes de 11 a 16 anos, a média das idades para os grupos foi de 12,8 e 13,2 anos, respectivamente. Todos os participantes eram estudantes do sétimo ou oitavo ano do ensino fundamental e residiam há, pelo menos, seis anos na comunidade. O

tempo médio de residência dos participantes na comunidade foi de 11,5 anos – 10,5 anos para o grupo das adolescentes e de 12,8 anos para o dos adolescentes.

Quanto à composição familiar, procurou-se identificar quem eram os principais responsáveis pelas/pelos adolescentes na residência, conforme ilustrado no quadro 2. Por conseguinte, percebe-se que a maior parte das/dos adolescentes reside com o pai e a mãe, apenas três residem com a mãe e o padrasto e outros três com avós. Dois adolescentes referiram residir apenas com suas mães e um adolescente estava residindo com o pai e sua madrasta há poucos dias, em função do desaparecimento de sua mãe.

Quadro 2 – Principais responsáveis pelas/pelos adolescentes na residência.

<b>Responsáveis</b>	<b>Fem</b>	<b>Masc</b>	<b>Total</b>
Pai e mãe	4	3	7
Mãe e padrasto	2	1	3
Avós	2	1	3
Somente a mãe	-	2	2
Pai e madrasta	-	1	1
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>16</b>

O quadro 3 mostra a situação das/dos adolescentes com relação ao pai e à mãe, revelando que a maior parte das/dos participantes - doze deles - residiam com a mãe, oito deles também convivem com o pai. Percebe-se que o número de adolescentes que tem um dos pais residindo com outra família é mais expressivo com relação à figura paterna – são cinco pais residindo com outras famílias e uma mãe na mesma situação. Identificou-se que dois pais e uma mãe eram falecidos. Outra mãe foi registrada como desaparecida neste estudo, pois era essa sua condição no momento das entrevistas, mas algum tempo após o término delas recebemos a notícia de que ela havia sido encontrada sem vida. Outro adolescente contou que nem o pai nem a mãe reconheceram-no como filho, logo, ele era criado por sua avó, a quem considera sua mãe.

Quadro 3 – Situação relacional familiar das/dos adolescentes

Situação com relação à mãe	Fem	Masc	Total	Situação com relação ao pai	Fem	Masc	Total
Residem com a mãe	6	6	12	Residem com o pai	4	4	8
Mãe reside com outra família	1	-	1	Pai reside com outra família	4	1	5
Mãe falecida	1	-	1	Pai falecido	-	2	2
Mãe desaparecida	-	1	1	Pai não reconheceu	-	1	1
Mãe não reconheceu	-	1	1	Total	8	8	16
Total	8	8	16				

Com relação a outros membros da família, o quadro 4 demonstra que a maior parte das/dos adolescentes – 13 deles – convivem com irmã(s) ou irmão(s). Identificou-se ainda que três residem com avós e outros três com padrastos. Observou-se numa frequência menor a presença de outras pessoas na família, como filhos do padrasto, “avôdrasto<sup>3</sup>”, madrasta, tio e prima, comprovando a presença de recasamentos e arranjos familiares variados.

Quadro 4 – Situação de convívio (residência) das/dos adolescentes com relação a outros membros da família.

Outros membros da família com quem as/os adolescentes residem	Fem	Masc	Total
Irmã/ão(s)	6	7	13
Avó(s)	2	1	3
Padrasto	2	1	3
Filho(s) do padrasto ou madrasta	-	2	2
“Avôdrasto”	1	-	1
Madrasta	-	1	1
Tio	1	-	1
Prima	1	-	1

A relação dos membros da família com o trabalho também foi investigada questionando-se quais pessoas da família trabalhavam ou contavam com renda proveniente de aposentadoria. Conforme explicitado no quadro 5, percebe-se que dez mães e oito pais

<sup>3</sup> Expressão utilizada pelas/pelos adolescentes para referir-se ao companheiro da avó.

trabalhavam para garantir o sustento da família. Apesar da expressividade numérica das mães, o que chama a atenção nesse quadro é a presença marcante das figuras masculinas, uma vez que todos os homens adultos das famílias estudadas trabalham ou têm fonte de renda, o que nem sempre acontece com as mulheres, já que se pode concluir a partir dos dados, que pelo menos duas mães e uma madrasta não exercem atividades remuneradas. A questão da renda familiar chegou a ser questionada, mas os participantes alegaram pouco ou nenhum conhecimento sobre essa questão.

Quadro 5 – Membros da família das/dos adolescentes com renda.

Membros da família	Fem	Masc	Total
Mãe	4	6	10
Pai	4	4	8
Irmã/ao(s)	1	3	4
Padrasto	2	1	3
Avó(s)	2	1	3
Tio	1	-	1
Avôdrasto	1	-	1
O próprio adolescente	-	1	1

A realização dos mapas de rede das/dos adolescentes (vide apêndice 8.8) ainda permitiu a identificação das/dos profissionais mais significativos para o grupo, já que alguns profissionais foram citados por mais de uma/um adolescente, conforme explicita o quadro 6. Constituíram-se como participantes deste estudo as/os seis profissionais citados com maior frequência, cinco eram integrantes da escola da comunidade (uma coordenadora e quatro professores) e uma era assistente social de um SCFV para crianças e adolescentes, vinculado à Assistência Social, ocupando também, na ocasião, a função de coordenação da instituição.



Quadro 6 – Vínculos institucionais das/dos adolescentes.

Vínculos institucionais das/dos adolescentes			
Profissionais ou pessoas mencionadas	Vínculo institucional da pessoa mencionada	Número de citações nas redes pessoais das/dos adolescentes	
Professor(a)	Escola 1	8	Entrevistados pela Pesquisadora
Professor(a)	Escola 1	7	
Professor(a)	Escola 1	5	
Professor(a)	Escola 1	3	
Coordenadora	Escola 1	2	
Assistente Social	Serv. Convivência 1	2	
Professor(a)	Escola 1	1	
Professor(a)	Escola 1	1	
Coordenador(a)	Escola 1	1	
Assistente Social	ONG 1	1	
Psicólogo(a)	ONG 1	1	
Educador(a) Social	Serv. Convivência 2	1	
Educador(a) Social	Serv. Convivência 2	1	
Educador(a) Social	Serv. Convivência 1	1	
Educador(a) Social	ONG 1	1	
Educador(a) Social	ONG 2	1	
Educador(a) Social	Serv. Convivência 1	1	
Educador(a) Social	ONG 2	1	
Educador(a) Social	Serv. Convivência 1	1	
Psicólogo(a)	ONG 2	1	
Pastor(a)	Igreja Evangélica	1	

Um aspecto significativo e que gerou reflexões foi a constatação da maior incidência de profissionais da escola no mapa de redes em detrimento das demais instituições. Compreendeu-se que essa condição foi favorecida em função de que todos os participantes do estudo frequentavam a escola, o que não acontecia em relação às demais instituições e poderia ter sido diferente se os 16 adolescentes tivessem sido selecionados em um projeto social. De qualquer forma, esse dado sugere a importância da proximidade e da convivência para o estabelecimento de vínculos significativos, mostrando a posição privilegiada da escola e de projetos sociais na subjetividade das/dos adolescentes – profissionais da unidade de saúde, por exemplo, não foram mencionados por nenhum adolescente.

#### **4.2. Apresentação das categorias, subcategorias e elementos de análise**

O processo de análise dos dados permitiu que emergissem três grandes dimensões, que contemplaram as singularidades e a riqueza dos relatos de adolescentes e profissionais. Cada dimensão reúne um conjunto de categorias, subcategorias e elementos de análise, que procurou demonstrar os aspectos mais relevantes das falas de adolescentes e profissionais, conforme a figura 2.

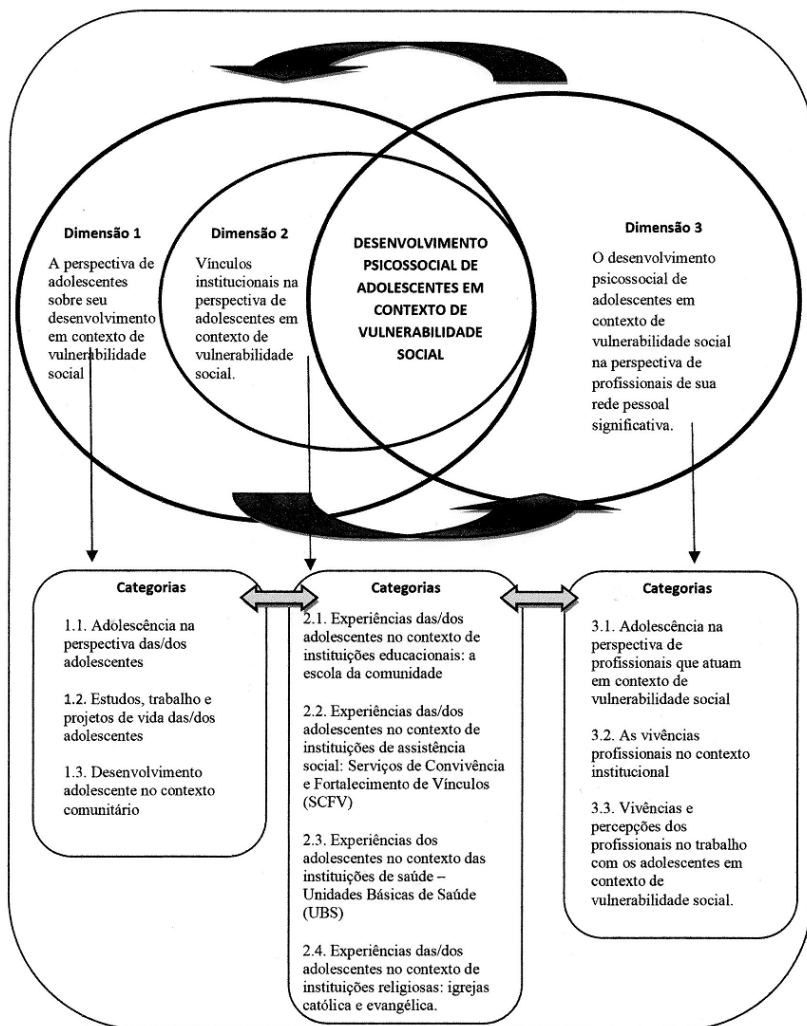


Figura 2 – Dimensões e categorias de análise.

A primeira dimensão foi apresentada no quadro 7 e subsidiou a construção do artigo Desenvolvimento psicossocial e projetos de vida na perspectiva de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social, no qual foram abordados as experiências e os significados que as/os adolescentes atribuíram as suas experiências cotidianas, necessidades,

concepções sobre adolescência, estudos, trabalho, projetos de vida e relacionamentos, expressos através das redes pessoais significativas.

Quadro 7 – Primeira dimensão, categorias, subcategorias e elementos de análise.

<b>DIMENSÃO 1 – A perspectiva de adolescentes sobre seu desenvolvimento em contexto de vulnerabilidade social</b>		
<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Elementos de análise</b>
1. Adolescência na perspectiva das/dos adolescentes	1.1. Significados da adolescência	1.1.1. Independência 1.2.1. Fase intermediária 1.2.3. Satisfação em ser adolescente 1.2.4. Lidar com responsabilidades
	1.2. Aspectos valorizados na adolescência	1.2.1. Saídas e diversão 1.2.2. Atividades lúdicas, culturais e desportivas 1.2.3. Maior autonomia 1.2.4. Relacionamentos 1.2.5. Oportunidades
	1.3. Aspectos da adolescência que desagradam	1.3.1. Interdições paternas/maternas 1.3.2. Contato com o tráfico/drogas/violência 1.3.3. Dificuldades para estudar ou trabalhar 1.3.4. Responsabilidades domésticas 1.3.5. Dificuldades de relacionamento
	1.4. Significados e experiências com relação à sexualidade	1.4.1. Ficar e namorar como parte da adolescência 1.4.2. Noção de “risco de gravidez e prejuízo” entre as adolescentes 1.4.3. Noção de “diversão e pressão dos amigos” entre os adolescentes 1.4.4. Valorização dos trabalhos de orientação sexual 1.4.5. Interdições, vigilância e conflitos com os pais
	1.5. Relações	1.5.1. Histórias de família

	familiares e de amizade	1.5.2.Família como fonte de segurança e adversidades 1.5.3.Funções da rede familiar 1.5.4. Amizade e conflitos no relacionamento entre adolescentes 1.5.5.Funções da rede de amigos
2. Estudos, trabalho e projetos de vida das/dos adolescentes	2.1.Experiências e significados atribuídos aos estudos	2.1.1.Valorização e gosto pelos estudos 2.1.2.Estudos como necessidade do desenvolvimento 2.1.3.Desempenho escolar mediano 2.1.4.Estudos como meio de ter uma profissão 2.1.5.Estudos como meio de valorização
	2.2.Experiências e significados atribuídos ao trabalho	2.2.1.Desejo de trabalhar 2.2.2.Trabalho como forma de obter autonomia 2.2.3.Trabalho como forma de ajudar a família 2.2.4.Dúvidas ou evitam pensar 2.2.5.Experiências de trabalho
	2.3.Desejos de mudança da realidade atual ou passada	2.3.1.Modificação do passado 2.3.2.Mudança de residência 2.3.3.Diminuição das brigas ou violência 2.3.4.Retomada de relacionamentos 2.3.5.Foco nos estudos ou trabalho
	2.4.Projetos de Vida	2.4.1.Identidade profissional 2.4.2.Formação de família 2.4.3.Convívio com a família ampliada 2.4.4.Paz e segurança 2.4.5.Melhora da condição socioeconômica
3.Desenvolvimento adolescente no contexto comunitário	3.1.Características da comunidade valorizadas pelas/pelos adolescentes	3.1.1.As instituições 3.1.2.As pessoas 3.1.3.Morar na comunidade 3.1.4.Áreas de lazer 3.1.5.Solidariedade
	3.2. Características da comunidade que	3.2.1.O “mundo do tráfico de drogas”

	desagravam as/aos adolescentes	3.2.2.Os perigos e riscos da rua 3.2.3.Vandalismo 3.2.4.Lixo pelas ruas 3.2.5.Não há aspectos positivos na comunidade
	3.3.Repercussões do tráfico de drogas no cotidiano da comunidade	3.3.1.Violência, lesões e mortes frequentes 3.3.2.Os riscos dos tiroteios 3.3.3.Confrontos entre facções do tráfico 3.3.4.Permissão ou interdição de circulação na comunidade 3.3.5.Proteção proporcionada pelo tráfico
	3.4.Relacionamento das/dos adolescentes e seus familiares com o tráfico de drogas	3.4.1.Envolvimento de parentes ou amigos com o uso ou tráfico de drogas 3.4.2. Convites para usar ou vender drogas 3.4.3. Postura das mães em relação ao tráfico de drogas 3.4.4. Opinião das/dos adolescentes sobre o uso ou tráfico de drogas 3.4.5. Envolvimento direto dos adolescentes com o tráfico de drogas

A segunda dimensão, apresentada no quadro 8, subsidiou a construção do artigo *Adolescentes em contexto de vulnerabilidade social: significados atribuídos aos vínculos com instituições e profissionais*, reunindo os relatos sobre as experiências e significados atribuídos pelas/pelos adolescentes ao contexto comunitário e institucional, incluindo sua participação na escola da comunidade, Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, Unidades Básicas de Saúde e igrejas católica e evangélica.

Quadro 8 – Segunda dimensão, categorias, subcategorias e elementos de análise.

<b>DIMENSÃO 2 – Vínculos institucionais na perspectiva de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social.</b>		
1. Experiências	1.1. Aspectos que	1.1.1. Valorização da escola e do

das/dos adolescentes no contexto de instituições educacionais: a escola da comunidade	permeiam a relação das/dos adolescentes com a escola	ensino 1.1.2. Satisfação com as atividades lúdicas, culturais e desportivas 1.1.3. Estima e decepção com a estrutura física 1.1.4. Proximidade com o tráfico de drogas
	1.2. Relacionamentos no contexto escolar	1.2.1. Satisfação com os profissionais 1.2.2. Brigas e/ou brincadeiras envolvendo agressões físicas 1.2.3. Contenção dos conflitos pelos profissionais 1.2.4. Apelidos vexatórios e agressões verbais entre as/os alunas/os 1.2.5. Reação dos pais frente aos conflitos
	1.3. Tipo de suporte proporcionado pelas pessoas significativas da escola	1.3.1. Guia cognitivo 1.3.2. Apoio emocional 1.3.3. Regulação social 1.3.4. Ajuda material e de serviços
	1.4. Aspirações de melhorias para a instituição escolar	1.4.1. Melhorias na estrutura física da escola 1.4.2. Ampliação das atividades 1.4.3. Maior segurança 1.4.4. Melhorias que assegurem a existência da escola
2. Experiências das/dos adolescentes no contexto de instituições de assistência social: Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV)	2.1. Aspectos que permeiam a relação das/dos adolescentes com os SCFV	2.1.1. Satisfação com as atividades lúdicas, culturais, desportivas e de lazer 2.1.2. Valorização e satisfação com a instituição 2.1.3. Insatisfação com limitações da instituição 2.1.4. Participação na definição das atividades 2.1.5. Acesso à benefícios socioassistenciais
	2.2. Relacionamentos no contexto da assistência social	2.2.1. Satisfação com os profissionais 2.2.2. Apoio e contenção de conflitos pelos profissionais 2.2.3. Motivos para não

		participação 2.2.4. Conflitos entre as/os adolescentes 2.2.5. Espaço de diálogo sobre vivências da adolescência
	2.3. Tipo de suporte proporcionado pelas pessoas significativas dos SCFV	2.3.1. Companhia social 2.3.2. Guia cognitivo 2.3.3. Ajuda material e de serviços 2.3.4. Regulação social
	2.4. Aspirações de melhorias para os SCFV	2.4.1. Ampliação das atividades 2.4.2. Ampliação do acesso 2.4.3. Melhorias e/ou ampliação do espaço físico 2.4.4. Mudanças nos relacionamentos
3. Experiências das/dos adolescentes no contexto das instituições de saúde – Unidades Básicas de Saúde (UBS)	3.1. Aspectos que permeiam a relação das/dos adolescentes com as UBS	3.1.1. Insatisfação com o tempo de espera pelos serviços 3.1.2. Dificuldades no acesso aos atendimentos médico e odontológico 3.1.3. Valorizam o acesso aos atendimentos e às medicações 3.1.4. Visão de que a UBS não é para adolescentes 3.1.5. Buscam atendimento apenas quando estão doentes
	3.2. Relacionamentos no contexto da saúde	3.2.1. Satisfação com o atendimento médico e odontológico 3.2.2. Desconhecem os profissionais ou coordenação 3.2.3. Falta de confiança na equipe 3.2.4. Tratamento grosseiro de funcionários 3.2.5. Participações em consultas ou ações preventivas
	3.3. Aspirações de melhorias para as UBS	3.3.1. Maior organização e acesso aos atendimentos 3.3.2. Melhoria na qualidade dos atendimentos 3.3.3. Maior organização do espaço físico 3.3.4. Respeito pelas/pelos adolescentes 3.3.5. Substituição de funcionários



4. Experiências das/dos adolescentes no contexto de instituições religiosas: igrejas católica e evangélica.	5.1. Aspectos que permeiam a relação das/dos adolescentes com as igrejas	5.1.1. Ausência de crenças ou religião 5.1.2. Desagrado com rituais, normas de comportamento ou preconceito religioso 5.1.3. Valorização do contato com as crenças, músicas ou espaços de convivência 5.1.4. Acreditam em Deus, mas não seguem uma religião 5.1.5. Frequentam a igreja esporadicamente
	5.2. Relacionamentos no contexto religioso	5.3.1. Satisfação com as lideranças religiosas
	5.3. Tipo de suporte proporcionado pelas pessoas significativas das igrejas	5.4.1. Ajuda material e de serviços
	5.4. Aspirações de melhorias para as igrejas	5.5.1. Redução das proibições 5.5.2. Melhorias na estrutura da igreja 5.5.3. Não há o que melhorar

A terceira e última dimensão, apresentada no quadro 9, subsidiou a construção do artigo *O desenvolvimento psicossocial de adolescentes na perspectiva de profissionais no contexto de vulnerabilidade social*, abarcando os relatos e significados atribuídos pelas/pelos profissionais ao desenvolvimento em contexto de vulnerabilidade, suas experiências institucionais e na atuação profissional com as/os adolescentes e suas famílias.

Quadro 9 – Terceira dimensão, categorias, subcategorias e elementos de análise.

<b>DIMENSÃO 3 – O desenvolvimento psicossocial de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social na perspectiva de profissionais de sua rede pessoal significativa.</b>		
<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Elementos de análise</b>
1. Adolescência na perspectiva	1.1. Características das/dos adolescentes	1.1.1. Resiliência perante dificuldades e sofrimentos 1.1.2. Amorosidade 1.1.3. Responsabilidades familiares

de profissionais que atuam em contexto de vulnerabilidade social		1.1.4. Relação frágil com religiões 1.1.5. Naturalização da violência
	1.2. Desenvolvimento e projetos de vida	1.2.1. Necessidade de suporte institucional 1.2.2. Perspectivas de vida restritas 1.2.3. Dificuldades na relação com os estudos 1.2.4. Opções limitadas de lazer 1.2.5. Necessidade de suporte familiar
	1.3. Dificuldades familiares	1.3.1. Ausência de suporte familiar 1.3.2. Dificuldade das famílias para educar os filhos 1.3.3. Relações agressivas ou violentas 1.3.4. Demonstrações de cuidado com as/os adolescentes
	1.4. Desenvolvimento na comunidade	1.4.1. Os “Apelos” e a violência do tráfico de drogas 1.4.2. As alternativas de proteção ao desenvolvimento das/dos adolescentes 1.4.3. As carências presentes no contexto 1.4.4. As transformações da comunidade ao longo dos anos 1.4.5. O preconceito por morar na comunidade
2. As vivências profissionais no contexto institucional	2.1. Demandas e situações frequentes	2.1.1. Gravidez na adolescência 2.1.2. Evasão escolar 2.1.3. Namoro e sexualidade 2.1.4. Problemas de saúde 2.1.5. Violência sexual
	2.2. Funções das instituições no contexto comunitário	2.2.1. Escola enquanto referência para adolescentes e famílias 2.2.2. Trabalho diferenciado 2.2.3. Escola enquanto território neutro 2.2.4. Manutenção das diferenças
	2.3. Dificuldades presentes no cotidiano institucional	2.3.1. Omissões ou incoerências do poder público 2.3.2. Falta de profissionais 2.3.3. Dificuldade dos profissionais para trabalhar em equipe 2.3.4. Precariedade da estrutura física e de recursos materiais
	2.4. Espaços de qualificação e trabalho em equipe	2.4.1. Ausência de formação específica e contextualizada 2.4.2. Valorização do trabalho em

		<p>equipe</p> <p>2.4.3. Rede de apoio entre profissionais</p> <p>2.4.4. Espaços de estudo por iniciativa própria</p> <p>2.4.5. Acesso a cursos de qualificação</p>
	2.5. Aspirações e aspectos a serem aprimorados	<p>2.5.1. Melhorias na estrutura física</p> <p>2.5.2. Espaços de escuta e diálogo com as/os adolescentes</p> <p>2.5.3. Manutenção e/ou ampliação dos projetos de contraturno</p> <p>2.5.4. Ações integradas com a comunidade e instituições</p> <p>2.5.5. Participação da comunidade escolar na gestão institucional</p>
3. Vivências e percepções dos profissionais no trabalho com as/os adolescentes em contexto de vulnerabilidade social.	3.1. Danos físicos e emocionais decorrentes do trabalho	<p>3.1.1. Desânimo</p> <p>3.1.2. Adoecimento</p> <p>3.1.3. Desgaste emocional</p> <p>3.1.4. Preocupação com as/os adolescentes</p> <p>3.1.5. Sentimentos de impotência</p>
	3.2. Gratificações decorrentes do trabalho	<p>3.2.1. Aprendizado com as experiências</p> <p>3.2.2. Satisfação com o trabalho</p> <p>3.2.3. Motivação para se aprimorar</p> <p>3.2.4. Reconhecimento profissional</p>
	3.4. Características desejáveis do profissional	<p>3.4.1. Disponibilidade afetiva</p> <p>3.4.2. Esperança</p> <p>3.4.3. Referência de comportamento</p> <p>3.4.4. Coerência entre discurso e atitudes</p> <p>3.4.5. Ética não assistencialista</p>
	3.4. Ações com as/os adolescentes e suas famílias	<p>3.4.1. Busca do envolvimento e dificuldades com as famílias</p> <p>3.4.2. Valorização da cultura e do lúdico</p> <p>3.4.3. Acolhimento e diálogo com adolescentes e seus familiares</p> <p>3.4.4. Atenção à educação sexual</p> <p>3.4.5. Discussão de temas polêmicos</p>
	3.5. Suporte ao desenvolvimento proporcionado nas relações	<p>3.4.1. Comunicação com as/os adolescentes</p> <p>3.4.2. Incentivo ao desenvolvimento de habilidades e potenciais</p> <p>3.4.3. Mediação de conflitos</p> <p>3.4.4. Preocupação em despertar o</p>

		interesse das/dos adolescentes 3.4.5. Valorização da cultura e produções das/dos adolescentes 3.4.6. Relações baseadas em afeto, limites e confiança
--	--	--

A partir disso, compreende-se que a organização dos dados possibilitou revelar a riqueza do material expresso nas narrativas, num conjunto dinâmico e articulado que sustentou a compreensão em torno do fenômeno central.

## 5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme explicitado no capítulo anterior, a organização dos dados em três dimensões de análise subsidiou a construção de três artigos, cada um deles respondeu a um objetivo específico do presente estudo. Assim, o artigo *Desenvolvimento psicossocial e projetos de vida na perspectiva de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social* teve como objetivo compreender o processo de desenvolvimento psicossocial na perspectiva de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social, contemplando o ponto de vista das/dos adolescentes sobre seu processo de desenvolvimento e seus projetos de vida.

O artigo *Adolescentes em contexto de vulnerabilidade social: significados atribuídos aos vínculos com instituições e profissionais* objetivou compreender os significados atribuídos aos vínculos com instituições e com profissionais da rede pessoal significativa de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social, contemplando o mapeamento da rede pessoal significativa das/dos adolescentes e suas relações com a rede de serviços da comunidade. O artigo *O desenvolvimento psicossocial de adolescentes na perspectiva de profissionais no contexto de vulnerabilidade social* teve como objetivo compreender o desenvolvimento psicossocial de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social, na perspectiva de profissionais que compõem a rede pessoal significativa de adolescentes, abarcando o entendimento do desenvolvimento adolescente na perspectiva das/dos profissionais significativos, bem como suas experiências de trabalho com essa população.

Durante a redação dos artigos optou-se por sustentar uma versão ampliada, a qual possibilitasse à banca melhor avaliação da relação entre as narrativas e as categorias de análise, reconhecendo-se a necessidade de sínteses e reformulações, visando posterior submissão. É importante mencionar que as dimensões apresentadas no capítulo anterior levantaram uma diversidade de dados que não foram inteiramente discutidos nos artigos, mas que serão abordados, oportunamente, em novas produções. Finalmente, a escolha pela apresentação da tese nesse formato buscou sistematizar o conhecimento, visando sua divulgação e compartilhamento com a comunidade científica.

## **5.1. Artigo 1: Desenvolvimento psicossocial e projetos de vida na perspectiva de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social**

### Resumo

O desenvolvimento de adolescentes que vivem em contexto de vulnerabilidade social é uma temática complexa, cuja compreensão dentro de um paradigma contemporâneo de desenvolvimento demanda a articulação de conhecimentos que evidenciem a interdependência entre fatores que compõe esse processo. O presente estudo, de natureza qualitativa, teve por objetivo compreender o processo de desenvolvimento psicossocial na perspectiva de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social. Dezesesseis adolescentes, sendo oito homens e oito mulheres, participaram individualmente de entrevistas semi-estruturadas e da construção de um mapa de redes. Os dados foram organizados e analisados com auxílio do software Atlas/ti 5.0 e com base na Teoria Fundamentada. Os resultados revelaram tensionamento entre os projetos de vida das/dos adolescentes e o contexto de vulnerabilidade social, permeado pelas experiências de contato ou resistência ao contexto do tráfico de drogas, visto como fonte de seduções e riscos ao seu desenvolvimento. Vínculos significativos com familiares e profissionais, assim como a oferta de atividades lúdicas, culturais e desportivas pelas instituições configuraram-se como fatores de proteção, contribuindo para o enfrentamento dessa condição de vulnerabilidade. A partir disso, destaca-se a relevância da compreensão das funções dos vínculos e da identificação de recursos e potenciais comunitários como embasamento para intervenções profissionais que almejam favorecer o desenvolvimento dessa população.

**Palavras-Chave:** Adolescente; Desenvolvimento Humano; Redes Pessoais Significativas; Vulnerabilidade Social.

## **5.2. Artigo 2: Adolescentes em contexto de vulnerabilidade social: significados atribuídos aos vínculos com instituições e profissionais.**

### Resumo:

As redes sociais têm sido apontadas pela literatura como fator de proteção ao desenvolvimento de adolescentes em contexto de vulnerabilidade, o que remete à necessidade de ampliar o entendimento dos aspectos presentes nas relações que favorecem esse processo. O objetivo do presente estudo de natureza qualitativa foi compreender os significados atribuídos aos vínculos com instituições e profissionais da rede pessoal significativa de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social. Dezesseis adolescentes, sendo oito mulheres e oito homens, participaram de entrevistas individuais semiestruturadas, da construção de um mapa de redes, que revelou os profissionais que compunham a sua rede pessoal significativa e de um gráfico de instituições da comunidade, o qual subsidiou uma segunda entrevista. Os dados foram organizados e analisados com auxílio do software Atlas/ti 5.0 e com base na Teoria Fundamentada. Os resultados indicaram que os adolescentes valorizam as instituições e seus serviços, sendo que profissionais podem exercer uma função de apoio ao seu desenvolvimento quando mostram a capacidade de identificar e contribuir com o atendimento de necessidades emocionais, psicológicas e até materiais das/dos adolescentes. Evidenciou ainda um predomínio de profissionais da educação e da assistência social nas redes pessoais significativas das/dos adolescentes, com inexpressiva menção aos profissionais da saúde ou de instituições religiosas, sugerindo que a escola e os projetos sociais podem ser lugares privilegiados para a construção de vínculos que favoreçam o desenvolvimento das/dos adolescentes em contexto de vulnerabilidade. A partir disso, destaca-se a contribuição do presente estudo que possibilitou visibilizar as funções exercidas pelos profissionais significativos da rede pessoal de adolescentes, bem como o potencial do mapa de redes enquanto instrumento que permite vislumbrar esses recursos relacionais, favorecendo a superação de um olhar que reduza essas/esses adolescentes às condições de vulnerabilidades por eles enfrentadas.

**Palavras-Chave:** Adolescente; Desenvolvimento Humano; Rede Pessoal Significativa. Vulnerabilidade Social

### **5.3. Artigo 3: O desenvolvimento psicossocial de adolescentes na perspectiva de profissionais no contexto de vulnerabilidade social**

#### Resumo

A atuação profissional com adolescentes em situação de vulnerabilidade social tem se configurado num desafio para profissionais vinculados a diferentes políticas como educação, saúde e assistência social. O objetivo do presente estudo foi compreender o desenvolvimento psicossocial de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social, na perspectiva de profissionais que compõem a rede pessoal significativa de adolescentes. Os participantes foram seis profissionais selecionados a partir do mapa de redes de dezesseis adolescentes que fizeram parte de um estudo que teve como objetivo compreender a perspectiva desses jovens sobre seu desenvolvimento e inserção comunitária em contexto de vulnerabilidade social. Realizou-se uma entrevista semiestruturada, a qual abordou as experiências e os significados atribuídos pelos profissionais ao desenvolvimento das/dos adolescentes e seu relacionamento com eles, bem como as vivências institucionais e comunitárias. Os resultados do estudo sinalizaram que na visão dos profissionais, os adolescentes costumam ter capacidade de enfrentamento diante das adversidades do contexto, mas tem dificuldades em conciliar estudos e trabalho, os quais costumam ser o foco dos projetos de vida. A violência se manifesta nas relações com o tráfico de drogas e nas inúmeras carências não atendidas pela família e pelo poder público. As instituições e a capacidade de diálogo foram consideradas essenciais para trabalhar nesse contexto, o qual também gera danos à saúde e gratificações. As relações desses profissionais com os adolescentes configuram-se como fatores de proteção ao desenvolvimento. Isso remete para a importância de assegurar formações e espaços de diálogo aos profissionais que atuam nesses contextos, proporcionando articulações institucionais mais efetivas no enfrentamento das condições de vulnerabilidade social.

**Palavras-chave:** Adolescente; Desenvolvimento Humano; Rede Pessoal Significativa; Rede Social; Vulnerabilidade Social.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo de dar voz e protagonismo a adolescentes que vivem em um contexto comunitário vulnerável socialmente sustentou-se no pressuposto epistemológico da complexidade e no reconhecimento de variados aspectos que compõe esse fenômeno. A proposta de um olhar ampliado e atento às interrelações entre esses fatores constituiu-se na lente que permitiu ajustar o foco de investigação, contribuindo para identificar e visibilizar potencialidades presentes nas relações, e que coexistem com os fatores de risco e vulnerabilidade a que esses jovens estão expostos.

A escuta sobre as experiências e os sentidos que as/os adolescentes atribuíram ao seu desenvolvimento suscitou conteúdos sobre sua compreensão da adolescência, o desenvolvimento da sexualidade, a relação com os estudos, o trabalho e seus projetos de vida. Esses aspectos, tomados em seu conjunto, revelam por um lado desejos e expectativas frequentes entre adolescentes, como se divertir, participar de atividades interessantes, estar com as/os amigos e seguir o desenvolvimento de modo a estabelecer uma identidade profissional e constituir família na fase adulta. Por outro lado, também permitem vislumbrar os impactos do contexto de vulnerabilidade sobre essas expectativas, na medida em que impõem o convívio com restrições e violências que vão além do tráfico de drogas, naturalizando a privação de direitos ou as dificuldades para acessá-los.

Isso remete para a distância que ainda existe entre os direitos previstos em lei e sua efetivação na vida de adolescentes residentes em comunidades vulneráveis socialmente, mostrando que a redução das desigualdades sociais segue como um desafio às políticas públicas. Em meio à precariedade e à insuficiência das condições materiais de existência que evidenciam as faltas e as lacunas, emerge a diversidade dos vínculos e suas ambivalências, que ora parecem fundir o futuro das/dos adolescentes às condições de vulnerabilidade, renunciando a repetição de histórias familiares de dificuldades, ora mostram o potencial de apontar saídas para as adversidades do cotidiano, protegendo e promovendo o desenvolvimento de potenciais.

Além do apoio de familiares e amigos, o presente estudo constatou que profissionais também podem assumir uma função singular junto ao desenvolvimento dessa população na medida em que conseguem ouvir e compreender as/os adolescentes, mostrando empatia por seus questionamentos, sentimentos e dúvidas. É por meio do diálogo

que resulta em esclarecimentos, conselhos, olhares, afeto, “broncas” e até mesmo recursos materiais, que vão sendo tecidas saídas de vida possíveis para os dilemas e inquietações adolescentes. Ao se colocarem em relação sustentando afetos e limites, esses adultos proporcionam às/aos adolescentes a confirmação de suas existências e importância, transmitindo sua crença de que elas/eles são dignos de investimento e capazes de seguir se desenvolvendo.

A constatação das múltiplas funções exercidas por profissionais significativos que compõem a rede de adolescentes levanta reflexões sobre as atribuições e as possibilidades dos serviços que atendem essa população nas diversas políticas públicas. Atribuições para que um olhar integral e humanizado do outro, seja para promover sua saúde, processo educativo ou acesso a direitos, implique necessariamente na consideração das peculiaridades de seu momento do desenvolvimento e na inclusão do aspecto relacional em qualquer proposta a ser desenvolvida. Possibilidades para que o reconhecimento das características desses profissionais e das funções que exercem junto às/aos adolescentes possam abrir caminhos para pensar formas de qualificar outros profissionais e aumentar a efetividade dos serviços.

Nesse sentido, o presente estudo revelou que as estratégias relacionais e de promoção ao desenvolvimento propostas pelos profissionais inscrevem-se num contexto institucional que dificulta a comunicação entre profissionais e sua organização em rede, tornando a busca por uma atuação contextualizada e condizente com as necessidades das/dos adolescentes um trabalho de resistência que gratifica, e ao mesmo tempo favorece o adoecimento das/dos trabalhadores. Torna-se imprescindível apontar a responsabilidade do poder público com a formação permanente desses profissionais e problematizar tanto o conteúdo quanto a metodologia desses espaços, tendo em vista as necessidades demonstradas neste trabalho de aprofundar conhecimentos em torno do desenvolvimento de adolescentes e do contexto de vulnerabilidade, numa proposta dialógica que integre as experiências práticas desses profissionais aos conhecimentos acadêmicos.

Essa perspectiva remete ainda para o fortalecimento das instituições que atuam nesses contextos, cuja importância ficou demarcada nas narrativas das/dos adolescentes tanto quando expressavam seu agrado pelas propostas e atividades às quais tinham acesso, quanto pela insatisfação com instituições que não chegaram a exercer um sentido em suas vivências. Cabe destacar que a melhoria da qualidade dos serviços insere-se num contexto mais amplo em que as

condições de trabalho precisam ser consideradas não como forma de justificar as dificuldades dos serviços em cumprir com seus objetivos, mas como meio de elucidar fatores que também se configuram como adversidades com as quais os profissionais convivem diariamente. Dessa forma, ressalta-se o potencial de espaços de articulação em equipe e entre serviços, bem como a própria presença das instituições no território como estratégias de enfrentamento da vulnerabilidade nessas comunidades.

Essas reflexões, ofertadas pela riqueza dos dados que emergiram na escuta das/dos adolescentes e profissionais significativos de suas redes, estiveram em estreita relação com a escolha do método qualitativo, o qual permitiu trazer à tona as singularidades e a diversidade de experiências das/dos entrevistados. No que concerne ao percurso que foi se delimitando na interação com o campo, cabe explicitar que o grande desafio deste estudo foi superar a “barreira” das respostas, por vezes lacônicas, das/dos adolescentes e favorecer a produção de entrevistas que expressassem a pluralidade de suas concepções e experiências. Por conseguinte, o empenho em utilizar as habilidades para entrevistar, desenvolvidas no contexto da atuação clínica e profissional, aliou-se à necessária manutenção da postura de pesquisadora, com foco na investigação dos objetivos do estudo, propiciando que a comunicação se estabelecesse e que se descortinassem as surpresas do mundo adolescente nesse contexto.

Além da entrevista, foi fundamental a utilização do mapa de redes, pois por meio dos dados que suscitou, colocou em evidência o potencial desse instrumento em revelar pessoas significativas para as/os adolescentes e as funções que elas desempenham em seu desenvolvimento. Isso permitiu ainda identificar e acessar um grupo diferenciado de profissionais a partir do ponto de vista das/dos próprios adolescentes, aprofundando a compreensão do fenômeno e de aspectos relacionais presentes em relações que se configuraram como fatores de proteção. Além de sua pertinência em estudos sobre redes e vínculos significativos, destaca-se ainda o potencial do mapa de redes enquanto instrumento de intervenção profissional, na medida em que permite identificar fragilidades e potencialidades relacionais que podem ser mobilizadas em ações que favoreçam a proteção e a promoção do desenvolvimento dessa população.

Quanto aos limites deste estudo, ele esteve circunscrito aos significados e experiências de adolescentes e profissionais da comunidade estudada, que contava com uma escola pública,

profissionais com perspectiva inclusiva e vários projetos, mas que poderiam ter sido diferentes se os participantes fossem selecionados em comunidades com menor articulação comunitária ou presença do estado. Além disso, a faixa etária escolhida e o acesso por meio da escola também delimitaram especificidades que evidenciam limitações, na medida em que adolescentes com uma faixa etária maior, que já evadiram da escola ou frequentaram outra instituição poderiam suscitar dados que engendrassem outros desdobramentos de análises. A escolha dos profissionais também foi delimitada pelo critério de inclusão que abarcou as/os participantes mais mencionados nas redes pessoais significativas das/dos adolescentes, mas poderia ampliar-se para todas/os as/os mencionadas/os ou ainda para outros profissionais que atuam com adolescentes.

A partir disso, considera-se que as lacunas deixadas por este estudo abrem perspectivas para novas pesquisas com o intuito de ampliar a compreensão em torno do fenômeno. No que se refere às/aos adolescentes, percebe-se a relevância de pesquisas com adolescentes em diferentes faixas etárias e vínculos institucionais, com a adoção de outras técnicas que possam explorar diferentes linguagens (grupos focais, uso de imagens, fotografias etc), favorecendo a expressão e a comunicação dessa população. Salienta-se também a relevância de estudos longitudinais que possam acompanhar de que forma os projetos de vida no início da adolescência vão se modificando ou consolidando na medida em que a/o adolescente avança para a vida adulta. Tendo presente as dificuldades para acompanhar esses participantes, já que as mudanças de residência são frequentes, assegura-se ainda a importância da formação de alianças estratégicas com instituições da comunidade que possam apoiar tais projetos.

Com relação aos profissionais, além de resgatar e aprofundar o olhar das/dos adolescentes para essas relações percebe-se a pertinência da realização de estudos com essa população, contribuindo para dar voz a profissionais de diferentes políticas públicas que atuam em contextos vulneráveis. Destaca-se também o potencial do uso de técnicas em grupo e de outras estratégias metodológicas que possam ampliar a compreensão sobre os processos de trabalho das instituições, contribuindo para a identificação de fragilidades e potenciais. A utilização do mapa de redes em pesquisas com adolescentes abre a perspectiva de acessar outras pessoas significativas em seu desenvolvimento, como familiares, vizinhos e amigos, promovendo a ampliação dos conhecimentos em torno de sua rede de relações.

Tendo presente, portanto, as especificidades que constituíram esse trabalho, compreende-se que ele permitiu visibilizar recursos e potenciais presentes em contextos de vulnerabilidade social e que frequentemente são encobertos pela dramaticidade de experiências humanas extremas em que se sobressaem vivências de sujeição à privação e/ou violências cotidianas. O protagonismo da fala adolescente permitiu constatar o quão difícil é desenvolver-se nesse contexto e também revelou que as/os adolescentes empreendem esforços no sentido de enfrentar as adversidades com as quais convivem, contando com as instituições e com uma rede relacional como forma de oferecer resistência frente às seduções e aos riscos que “competem” com seus projetos de vida. Com isso, sinaliza recursos que podem ser mais bem explorados na busca pela compreensão e pela promoção das potencialidades dessa população.



## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, M. E. G. G. & Magalhães, A. S. (2011). Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 12(2), 205-214.

Araújo, C. M. & Oliveira, M. C. S. L. (2010). Significações sobre desenvolvimento humano e adolescência em um projeto socioeducativo. *Educação em Revista*, 26(3), 169-194.

Arpini, D. M. & Gonçalves, D. S. (2011). Drogas e álcool na relação com a violência: o olhar de adolescentes em situação de rua. *PSICO*, 42(4), 442-449.

Aspesi, C. C., Dessen, M. A. & Chagas, J. F. (2005). A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. In Dessen, M. A. & Costa Junior, A. L. *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

Atanázio, E. A., Santos, J. M., Dionísio, L. R., Silva, J. & Saldanha, A. A. W. (2013). Vulnerabilidade ao uso de álcool: um estudo com adolescentes das redes pública e privada de ensino. *Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas*, 9(1), 11-17.

Ayres, J. R. C. M.; França Júnior, I.; Calazans, G. J. & Saletti Filho, H. C. (2003). O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In Czeresnia, D. (Org). *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendência*. Rio de Janeiro: Fiocruz. (pp.117-139).

Backes, D. S., Zanatta, F. B., Costenaro, R. S., Rangel, R. F., Vidal, J., Kruel, C. S. & Mattos, K. M. (2014). Indicadores de risco associados ao consumo de drogas ilícitas em escolares de uma comunidade do sul do Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, 19(3), 899-906.

Baptista, C. J., Maciel, A. G., Caldeira, A. P., Tupinambás, U. & Greco, D. B. (2012). Prevalência de fatores de vulnerabilidade juvenil às DST/ HIV/ AIDS: um estudo com enfoque de gênero no Norte de Minas Gerais, Brasil, 2008-2009. *Motricidade*, 8(2), 177-186.

Bordini, G. S. & Sperb, T. M. (2012). Concepções de gênero nas narrativas de adolescentes. *Psicologia reflexão e crítica*, 25(4), 738-746.

Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed.

Bronfenbrenner, U. & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon & R. M. Lerner. *Handbook of child psychology: theoretical models of human development*. (5ª ed.). New York, John Wiley, pp.993-1028.

Camboim, A. & Rique, J. (2010). Religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens adultos. *Revista Brasileira de História das Religiões*, 3(7), 251-263.

Castro, S. B. E. & Souza, D. L. (2011). Significados de um projeto social esportivo: um estudo a partir das perspectivas de profissionais, pais, crianças e adolescentes. *Movimento*, 17(4), 145-163.

Chueke, G. V. & Lima, M. C. (2012). Pesquisa qualitativa: evolução e critérios. *Revista Espaço Acadêmico*, 128, 63-69

Cocco, M. & Lopes, M. J. M. (2010). Violência entre jovens: dinâmicas sociais e situações de vulnerabilidade. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 31(1), 151-159.

Correia, D. S., Cavalcante, J. C., Egito, E. S. T. & Maia, E. M. C. (2011). Prática do abortamento entre adolescentes. *Ciência e Saúde Coletiva*, 16(5), 2469-2476.

Costa, R. F., Queiroz, M. V. O. & Zeitoune, R. C. G. (2012). Cuidado aos adolescentes na atenção primária: perspectivas de integralidade. *Escola Anna Nery*, 16(3), 466-472.

Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa*. (3rd.). Porto Alegre, RS: Penso.

Dellazzana, L. L. & Freitas, L. B. L. (2010). Um dia na vida de irmãos que cuidam de irmãos. *Psicologia, teoria e pesquisa*, 26(4), 595-603.



Deslauriers, J. P. & Kérisit, M. (2012). O delineamento da pesquisa qualitativa. In J. Poupart, J. P. Deslauriers, L. H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer & A. Pires. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos [La research qualitative]* (pp. 353-385). Petrópolis, RJ: Vozes.

Dowdney, L. (2004). *Crianças do tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sete letras.

Erikson, E. H. (1976). *Identidade: juventude e crise*. (2ª ed.). (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Faria, A. A. C. & Barros, V. A. (2011). Tráfico de drogas: uma opção entre escolhas escassas. *Psicologia & Sociedade*, 23 (3): 536-544.

Faria, L. C. (2013). Influência da condição de emprego/desemprego dos pais na exploração e indecisão vocacional dos adolescentes. *Psicologia, reflexão e crítica*, 26(4), 772-779.

Farias, R. & Moré, C. L. O. O. (2012). Repercussões da gravidez em adolescentes de 10 a 14 anos em contexto de vulnerabilidade social. *Psicologia, reflexão e crítica*, 25(3), 596-604.

Freitas, I. C. F., Silva, C. N., Adan, L. F. F., Kitaoka, E. G., Polilo, R. B. & Vieira, L. A. (2011). Pesquisa qualitativa em saúde: um olhar inovador sobre a produção do conhecimento científico. *Revista Baiana de Saúde Pública*, 35(4), 1001-1012.

Ferreira, R. F., Calvoso, G. G. & Gonzales, C. B. L. (2002). Caminhos da pesquisa e a contemporaneidade. *Psicologia, reflexão e crítica*, 15(2), 243-250.

Germano, I. M. P. & Colaço, V. F. R. (2012). Abrindo caminho para o futuro: redes de apoio social e resiliência em autobiografias de jovens economicamente vulneráveis. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 381-387.

Gonçalves, R. C. B., Campos, P. L., Machado, P. S., Reis, V. M., Samad, V. G. A., Machado, D. A. D., Gonçalves, E. & Pereira, A. K. (2012). Avaliação do perfil biopsicossocial de mães adolescentes, na

área de abrangência do Centro de Saúde Cachoeirinha, após o parto. *Revista Médica de Minas Gerais*, 22(3), 296-300.

Guest, G., Bunce, A., & Johnson, L. (2006). How many interviews are enough?: an experiment with data saturation and variability. *Field Methods*, 18, 59-82.

IBGE. (2010). Características gerais da população. Censo demográfico. Disponível em: [ibge.gov.br](http://ibge.gov.br)

Jardim, F. A., Campos, T. S., Mata, R. N. & Firmes, M. P. R. (2013). Doenças sexualmente transmissíveis: a percepção dos adolescentes de uma escola pública. *Cogitare Enfermagem*, 18(4), 663-668.

Laperrière, A. (2012). A teorização enraizada (grounded theory): procedimento analítico e comparação com outras abordagens similares. In J. Poupard, J. P. Deslauriers, L. H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer & A. Pires. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* [La research qualitative] (pp. 353-385). Petrópolis, RJ: Vozes.

Legnani, V. N., D'Aragão, S., Spinola, J. M. & Paladino, L. M. (2012). Grupos de adolescentes no espaço escolar: o papel do professor face às fraternias adolescentes. *Linhas Críticas*, 18-35, 209-226.

Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/>

Lei 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe para as condições sobre a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/>

Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)

Leite, C. R. & Löhr, S. S. (2012). Conflitos professor-aluno: uma proposta de intervenção. *Revista Diálogo Educacional*, 12(36), 581-596.

Leite, J. L., Silva, L. J., Oliveira, R. M. P. & Stipp, M. A. C. (2012). Reflexões sobre o pesquisador nas trilhas da Teoria Fundamentada nos Dados. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 46(3), 772-777.

Malta, D. C., Mascarenhas, M. D. M., Bernal, R. T. I., Andrade, S. S. C. A., Neves, A. C. M., Melo, E. M. & Júnior, J. B. S. (2012). Causas externas em adolescentes: atendimentos em serviços sentinelas de urgência e emergência nas capitais brasileiras – 2009. *Ciência e Saúde Coletiva*, 17(9), 2291-2304.

Meira, T. R. M., Cardoso, J. P., Vilela, A. B. A., Amorim, C. R., Rocha, S. V., Andrade, A. N. & Freire, D. S. (2014). Percepções de professores sobre trabalho docente e repercussões sobre sua saúde. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 27(2), 276-282.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2015). *Serviços e programas*. Recuperado em 02 de outubro, 2015, de <http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/servicos-e-programas>

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2012). *Orientações Técnicas sobre o PAIF – Volume 1 - O Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família – PAIF, segundo a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais*. Brasília.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2009). *Orientações Técnicas: Centro de Referência da Assistência Social e Combate à Fome*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Ministério da Educação. (1998). *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF.

Ministério da Educação. (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF.

Ministério da Saúde. (2014). *Boletim epidemiológico HIV-AIDS*. Secretaria de vigilância em saúde – Departamento de DST, AIDS e Hepatites virais. Disponível em: [www.aids.gov.br](http://www.aids.gov.br)

Ministério da Saúde/SE/Datasus. (2010). Sistema de informações hospitalares do SUS. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2010/d14.def>

Ministério da Saúde. (2005). *Saúde integral de adolescentes e jovens: orientações para a organização de serviços de saúde*. Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília: Editora do Ministério da Saúde.

Monteiro, R. F., Azevedo, L. F., Sobreiro, R. T. & Constantino, P. (2012). Autoestima e resiliência dos adolescentes da margem da linha: redes de apoio social como fator de proteção. *Perspectivas Online*, 4(2), 41-55.

Montezi, A. V., Zia, K. P., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 299-305.

Moraes, S. P. & Vitale, M. S. S. (2012). Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência. *Revista Associação Médica Brasileira*, 58(1), 48-52.

Moré, C. L. O. O. (2005). As redes sociais significativas como instrumento de intervenção psicológica no contexto comunitário. *Revista Paidéia*, 15(31), 267-297.

Moré, C. L. O. O. & Crepaldi, M. A. (2004). O campo de pesquisa: interfaces entre a observação, interação e surgimento dos dados. Cibrapeq - 1ª Conferência Internacional do Brasil de Pesquisa Qualitativa. São Paulo, 588-593

Moré, C. L. O. O., & Crepaldi, M. A. (2012). O mapa de rede social significativa como instrumento de investigação no contexto da pesquisa qualitativa. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 43, 84-98.

Moreira-Almeida, A., Pinsky, I., Zaleski, M. & Laranjeira, R. (2010). Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. *Revista Psiquiatria Clínica*, 37(1), 12-15.

Morin, E. (2007). *Introdução ao pensamento complexo*. (3ª ed.). (E. Lisboa, Trad.). Porto Alegre: Sulina.

- Morin, E. (1996) Epistemologia da complexidade. In Schnitman, D. F. (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (J. H. Rodrigues, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Muhr, T. (2004). Atlas/ti the knowledge workbench. V 5.0 Quick tour for beginners. Berlin: Scientific Software Development.
- Noreña, A. L., Moreno, N. A., Rojas, R. G. & Malpica, D. R. (2012). Aplicabilidad de los criterios de rigor y éticos en la investigación cualitativa. *Aquichan*, 12(3), 263-274.
- Organização das Nações Unidas. (1989). *Convenção Internacional de Direitos da Criança*. Genebra: ONU.
- Olabuénaga, J. I. R. (2009). *Metodología de la investigación cualitativa*. Espanha: Universidade de Deustro.
- Oliveira, L. G., Brum, Z. P., Oliveira, S. G., Wunsch, S., Garcia, R. P., Simón, B. S. & Brum, D. J. T. (2011). Oferta de serviços assistenciais aos adolescentes em seus municípios da 12a coordenadoria regional de saúde. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 1(3), 335-342.
- Oliveira, M. C. S. L. (2006). Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 11(2), 427-436.
- Oliveira-Monteiro, N. R. (2010). Percursos da gravidez na adolescência: estudo longitudinal após uma década da gestação. *Psicologia, reflexão e crítica*, 23(2), 278-288.
- Pereira, P. E. & Malfitano, A. P. S. (2012). Percursos metodológicos para a apreensão de universos de adolescentes e jovens: um enfoque sobre a questão das drogas. *Journal of Human Growth and Development*, 22(3), 334-340.
- Pinheiro, V. P. G. & Arantes, V. A. (2015). Values and Feelings in Young Brazilians' Purposes. *Paidéia*, 25(61), 201-209.
- Poupart, J. P. (2012). A entrevista do tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In J. Poupart, J. P. Deslauriers, L. H. Groulx, A. Laperrrière, R. Mayer & A. Pires. A

*pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* [La research qualitative] (pp. 353-385). Petrópolis, RJ: Vozes.

Ressel, L. B., Junges, C. F., Sehnem, G. D. & Sanfelice, C. (2011). A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. *Escola Anna Nery*, 15(2), 245-250.

Rinhel-Silva, C. M., Constantino, E. P. & Rondini, C. A. (2012). Família, adolescência e estilos parentais. *Estudos de Psicologia*, 29(2), 221-230.

Rizzo, C. B. S. & Chamon, E. M. Q. O. (2010). O sentido do trabalho para o adolescente trabalhador. *Trabalho, Educação e Saúde*, 8(3), 407-417.

Rocha, J. F. & Carrara, K. (2011). Formação ética para a cidadania: reorganizando contingências na interação professor-aluno. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 15(2), 221-230.

Rozemberg, L., Avanci, J., Schenker, M. & Pires, T. (2014). Resiliência, gênero e família na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 19(3), 673-684.

Rozemberg, R., Silva, K. S., Bonan, C. & Ramos, E. G. (2013). Práticas contraceptivas de adolescentes brasileiras: vulnerabilidade social em questão. *Ciência e Saúde Coletiva*, 18(12), 3645-3652.

Sampieri, R. H., Collado, C. F. & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de Pesquisa*. São Paulo: McGraw-Hill.

Sanchez, Z. M., Oliveira, L. G., Ribeiro, L. A. & Nappo, S. A. (2010). O papel da informação como medida preventiva ao uso de drogas entre jovens em situação de risco. *Ciências e Saúde Coletiva*, 15(3), 699-708.

Santos, A. (2008). Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. *Revista Brasileira de Educação*, 13(37), 71-83.

Santos, R. M., Nascimento, M. A. & Menezes, J. A. (2012). Os sentidos da escola pública para jovens pobres da cidade de Recife. *Revista*

*Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*. 10 (1), pp. 289-300.

Santos, S. S. C. & Hammerschmidt, K. S. A. (2012). A complexidade e a religação de saberes interdisciplinares: contribuição do pensamento de Edgar Morin. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 65(4), 561-565.

Santrock, J. W. (2014). *Adolescência*. Porto Alegre: AMGH.

Sasaki, R. S. A., Leles, C. R., Malta, D. C., Sardinha, L. M. V. & Freire, M. C. M. (2015). Prevalência de relação sexual e fatores associados em adolescentes escolares de Goiânia, Goiás, Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, 20(1), 95-104.

Sbicigo, J. B. & Dell'Aglio, D. D. (2012). Ambiente familiar e adaptação psicológica em adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(3), 615-622.

Schoen-Ferreira, T. H. & Aznar-Farias. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26(2), 227-234.

Silva, M. A. I., Mello, F. C. M., Mello, D. F., Ferriani, M. G. C., Sampaio, J. M. C. & Oliveira, W. A. (2014). Vulnerabilidade na saúde do adolescente: questões contemporâneas. *Ciências e Saúde Coletiva*, 19(2), 619-627.

Silva, O. M. & Silva, C. A. F. (2014). Desenho da rede de um projeto esportivo social: atores, representações e significados. *Revista Brasileira Educação Física e Esporte*, 28(3), 415-428.

Silva, R. A., Cardoso, T. A., Jansen, K., Souza, L. D. M., Godoy, R. V., Cruzeiro, A. L. S., Horta, B. L. e Pinheiro, R. T. (2012). Bullying e fatores associados em adolescentes com idade entre 11 e 15 anos. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 34(1), 19-24.

Siqueira, A. C. & Dell'Aglio, D. D. (2011). Políticas públicas de garantia do direito à convivência familiar e comunitária. *Psicologia e Sociedade*, 23(2), 262-271.

Sluzki, C. E. (1997). *A rede social na prática sistêmica*. (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Strauss, A. & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. (L. O. Rocha, Trad.). (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Vasconcellos, M. J. E. (2007). *Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência*. (3ª ed.). São Paulo: Papyrus.

Venturini, A. O. C. & Piccinini, C. A. (2014). Percepção de adolescentes não-pais sobre projetos de vida e sobre paternidade adolescente. *Psicologia & Sociedade*, 26 (n. spe.), 172-182.

Xavier, K. R., Conchão, S. & Júnior, N. C. (2011). Juventude e resiliência: experiência com jovens em situação de vulnerabilidade. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 21(1), 140-145.



## 8. APÊNDICES

### 8.1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para adolescentes e familiares



**Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-graduação em Psicologia  
Curso de Doutorado**

#### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Meu nome é Rejane de Farias e estou desenvolvendo uma pesquisa que tem como objetivo compreender o processo de desenvolvimento e inserção comunitária na perspectiva de adolescentes em contexto de vulnerabilidade. O trabalho é orientado pela Prof<sup>a</sup> Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Este estudo é necessário e relevante, pois poderá auxiliar os profissionais que trabalham com adolescentes a compreender melhor suas necessidades e desenvolver ações que possam beneficiar seu desenvolvimento.

Caso você autorize seu filho(a) a participar do estudo, gostaria de realizar duas entrevistas individuais com ele e uma em grupo, num local previamente combinado e que seja de fácil acesso para vocês. A entrevista será gravada, mas seguindo os preceitos éticos asseguramos que a participação será absolutamente sigilosa e voluntária, não constando nome ou qualquer outro dado que possa identificá-lo.

Vocês têm a total liberdade para recusar sua participação, assim como solicitar a exclusão de seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo. Deixamos em continuação telefones de contato da pesquisadora responsável na UFSC, para qualquer informação que você considere necessária. Fone: 3331-8579 ou 3331-8214 ou 91263271. Agradecemos a participação de vocês, enfatizando que a participação de seu filho(a) vai contribuir muito para a construção de um conhecimento atual nesta área.

Tendo ciência das informações contidas neste Termo de consentimento, eu \_\_\_\_\_

portador do RG No. \_\_\_\_\_, e responsável pelo(a) adolescente \_\_\_\_\_ declaro

que o(a) mesma concorda em participar deste estudo e, sendo assim,

autorizo sua participação, bem como a utilização, nesta pesquisa, dos dados que forem fornecidos pela adolescente.

Florianópolis, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Adolescente

\_\_\_\_\_  
Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré  
Pesquisadora Responsável (Orientadora)

\_\_\_\_\_  
Rejane de Farias  
Pesquisadora Principal (Doutoranda)

## 8.2.Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para profissionais



**Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-graduação em Psicologia  
Curso de Doutorado**

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Meu nome é Rejane de Farias e estou desenvolvendo uma pesquisa que tem como objetivo compreender o processo de desenvolvimento e inserção comunitária na perspectiva de adolescentes em contexto de vulnerabilidade. O trabalho é orientado pela Prof<sup>a</sup> Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Este estudo é necessário e relevante, pois poderá auxiliar os profissionais que trabalham com adolescentes a compreender melhor suas necessidades e desenvolver ações que possam beneficiar seu desenvolvimento.

Caso você concorde em participar do estudo, gostaria de realizar uma entrevista com você, num local previamente combinado e que seja lhe de fácil acesso. A entrevista será gravada, mas seguindo os preceitos éticos asseguramos que a participação será absolutamente sigilosa e voluntária, não constando nome ou qualquer outro dado que possa identificá-lo.

Você tem a total liberdade para recusar sua participação, assim como solicitar a exclusão de seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo. Deixamos em continuação telefones de contato da pesquisadora responsável na UFSC, para qualquer informação que você considere necessária. Fone: 3331-8579 ou 3331-8214 ou 91263271. Agradecemos sua participação, enfatizando que irá contribuir muito para a construção de um conhecimento atual nesta área.

---

Tendo ciência das informações contidas neste Termo de consentimento, eu \_\_\_\_\_ portador do RG No. \_\_\_\_\_, declaro que concordo em participar deste estudo e, sendo assim, autorizo a utilização, nesta pesquisa, dos dados que forem fornecidos.

Florianópolis, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do participante  
Pesquisadora Responsável (Orientadora)

---

Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré

---

Rejane de Farias  
Pesquisadora Principal (Doutoranda)

### 8.3.Roteiro da primeira entrevista semi-estruturada com as/os adolescentes.

#### 1. Dados Sociodemográficos

Iniciais do Adolescente: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
 Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_  
 Nível de Escolaridade: \_\_\_\_\_ Situação Conjugal: \_\_\_\_\_  
 Cidade Natal: \_\_\_\_\_ Há qto tempo reside na comunidade? \_\_\_\_\_

Iniciais do Responsável: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_  
 Composição Familiar: \_\_\_\_\_

Residentes na casa: \_\_\_\_\_

Quem trabalha? \_\_\_\_\_

Qual a ocupação? \_\_\_\_\_

Renda Familiar: \_\_\_\_\_

Outras Informações: \_\_\_\_\_

#### 2. Questionário semi-estruturado

O que significa, para você, ser um(a) adolescente, hoje?

O que há de melhor e de pior em ser um adolescente?

No seu entender, o que um(a) adolescente precisa para se desenvolver?

Na tua opinião, quais são as maiores facilidades e dificuldades que os adolescentes encontram atualmente?

O que você mais gosta e menos gosta de fazer?

Se você pudesse mudar qualquer coisa na sua vida, o que seria?

O que você pensa a respeito do seu futuro?

E como você gostaria que fosse o seu futuro?

O que você pensa sobre estudos e trabalho?

O que você pensa sobre a orientação sexual para adolescentes?

Você tem alguma religião ou crença? Qual é o papel dela na sua vida?

Quem são as pessoas mais importantes na sua vida? Por quê?

Quem são as pessoas que lhe dão apoio nos momentos difíceis?

O que você considera que há de melhor na sua comunidade? E qual é o maior problema?

Quais são as instituições que você frequenta e o que você pensa delas?

O que você considera que estas instituições têm de melhor e de pior?

O que você acha que poderia melhorar nessas instituições para melhor acolher os adolescentes?

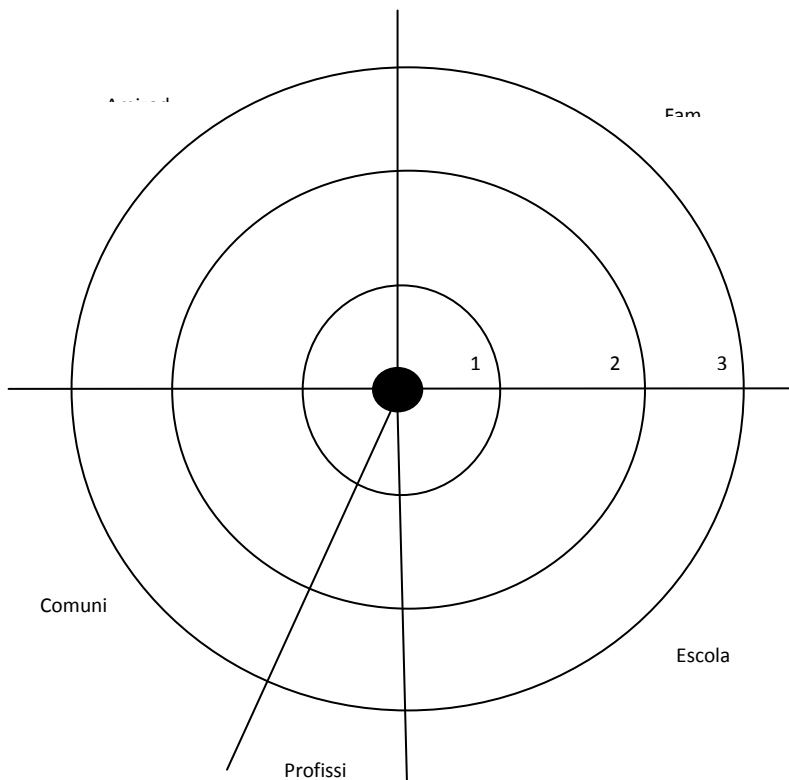
### **3. Questões para elaboração do mapa de redes**

Quem são as pessoas da sua família e como é a sua relação com eles?  
Você tem amigos? Quem são e qual a importância deles na sua vida?  
Como é seu relacionamento com eles?  
Existem pessoas aqui na comunidade em quem você tem confiança?  
Quem são e qual a importância delas para você? Como é o relacionamento de vocês?  
Existem pessoas importantes para você na escola? Quem são e qual é a importância delas para você? Como é seu relacionamento com elas?  
E em outras instituições? Existem pessoas com quem você tem um vínculo e que são importantes na sua vida? Fale sobre elas e o relacionamento de vocês.



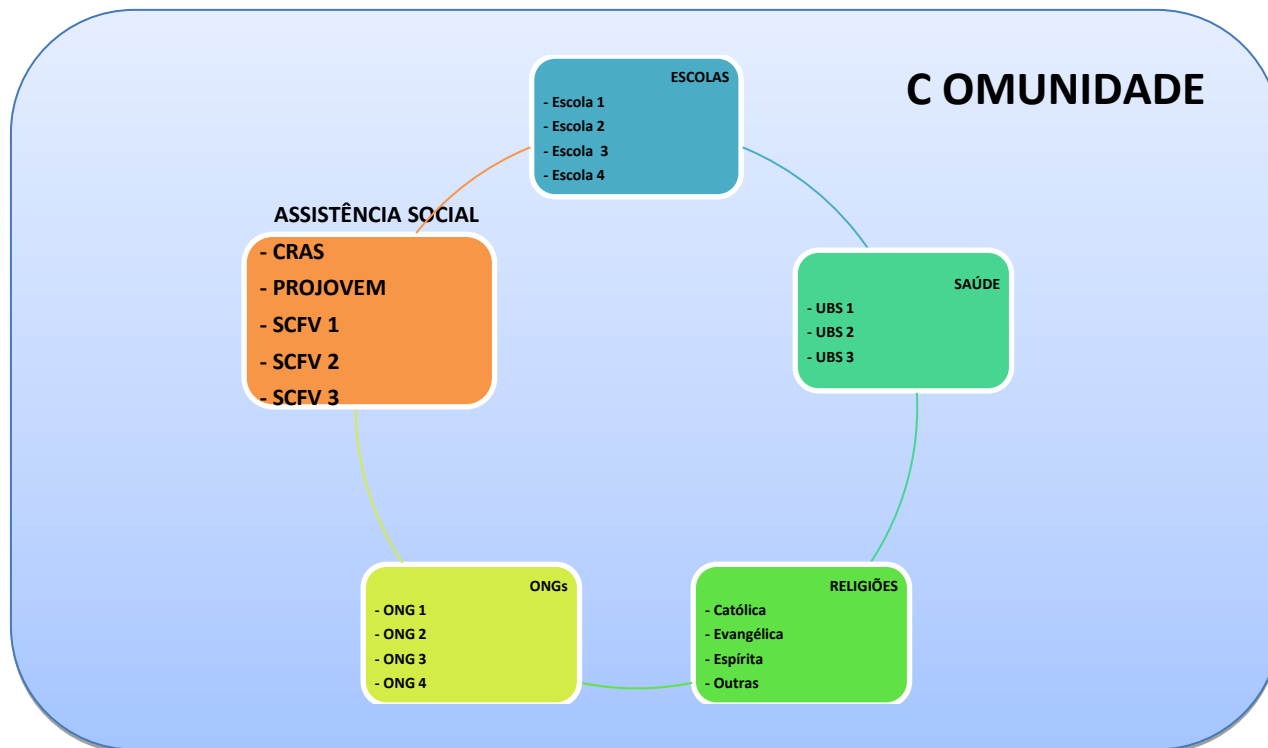
Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

### MAPA DE REDES





## 8.5. Gráfico de instituições da comunidade



**8.6.Roteiro da segunda entrevista semi-estruturada com as/os adolescentes.****Questionário semi-estruturado**

Como é no(a) (nome da instituição)? Que atividades tem lá?

Conte uma situação que aconteceu com você nesse lugar.

Quais eram as coisas boas desse lugar? Poderias me dar um exemplo?

Quais as coisas ruins ou que tu não gostavas nesse lugar? Poderias me contar uma situação?

Na tua opinião, como eram as pessoas que coordenavam as atividades.

Você lembra de alguém em especial?

Alguém no(a) (nome da instituição) já lhe ajudou em algum momento de dificuldade ou dúvida? Como foi?

O que você acha que poderia melhorar nesse lugar para beneficiar os adolescentes?

Minha última pergunta. Eu já falei contigo sobre ti, tuas atividades, os diferentes lugares que você conhece e agora eu queria te perguntar: qual a tua opinião sobre a comunidade onde tu moras?

**8.7.Roteiro da entrevista semi-estruturada com as/os profissionais.****1. Dados Sociodemográficos**

Iniciais do Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_  
Nível de Escolaridade: \_\_\_\_\_ Situação Conjugal: \_\_\_\_\_  
Cidade Natal: \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_  
Há quanto tempo trabalha na instituição? \_\_\_\_\_  
Qual o cargo? \_\_\_\_\_

**2. Questionário semi-estruturado**

Como você vê essa instituição e qual a sua importância para a comunidade?

Como é o seu convívio com os adolescentes? Que ações ou trabalhos você já desenvolveu?

Na sua opinião, quais são as maiores facilidades e dificuldades em lidar com os adolescentes?

Como você vê o desenvolvimento dos adolescentes nessa comunidade?

No seu entender, o que os adolescentes precisam para se desenvolver?

Na sua opinião, que características deve ter um profissional ou educador que trabalha com adolescentes?

Você já participou de algum curso ou outro tipo de formação que tenha lhe auxiliado no trabalho com adolescentes?

Você acredita que essa instituição necessita ou poderia se aprimorar em algum aspecto para melhor acolher os adolescentes na comunidade?

Você gostaria de falar algo mais que considera importante sobre adolescentes, a comunidade ou essa instituição?

### 8.8. Síntese dos Mapas de Redes das/dos adolescentes

